

FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

DALRIA LIMA DE SOUZA MOREIRA

**CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO
DAS INTERAÇÕES SOCIAIS DA CRIANÇA AUTISTA**

SÃO MATEUS
2020

DALRIA LIMA DE SOUZA MOREIRA

**CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO
DAS INTERAÇÕES SOCIAIS DA CRIANÇA AUTISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, com requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências, Tecnologia e Educação.

Prof. Dr. Edmar Reis Thiengo

SÃO MATEUS

2020

[FICHA CATALOGRÁFICA]

DALRIA LIMA DE SOUZA MOREIRA

**CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO
DAS INTERAÇÕES SOCIAIS DA CRIANÇA AUTISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edmar Reis Thiengo
Faculdade Vale do Cricaré
Orientador

Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa
Faculdade Vale do Cricaré

Prof. Dr. Michell Pedruzzi Mendes Araújo
Universidade Federal de Goiás

SÃO MATEUS

2020

DEDICATÓRIA

A Deus, por ser essencial em minha vida, o autor de meu destino, meu guia, meu socorro bem presente na hora da angústia.

AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo Carlos Alberto Moreira, pelo amor, carinho, amizade e pela paciência com a qual me acompanhou no período de produção deste trabalho.

Aos meus filhos Sophia e Murilo, que apesar de ainda tão pequenos, puderam compreender de alguma forma a minha ausência para me dedicar aos estudos.

A minha amiga Márcia, por me apoiar, encorajar nos momentos turbulentos, o meu muito obrigado de coração.

Ao meu orientador professor Dr. Edmar Reis Thiengo, homem sábio, paciente e extraordinário; agradeço por tudo que me ensinou, pela atenção e pela disponibilidade.

À prefeitura de Presidente Kennedy, por me proporcionar a alegria de realizar esse sonho, tornando-o realidade.

A todos os que contribuíram mesmo que indiretamente para minha formação e para a realização deste sonho. Sintam-se abraçados.

O processo de aprendizagem do autista pode ser lento, mas muito bem absorvido, tal qual um casulo que demora a se revelar e, de repente, se revela!

Gretchen Shipp

RESUMO

MOREIRA, Dalria Lima de Souza. **Contribuições da educação infantil para o desenvolvimento das interações sociais da criança autista**. 2020. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Vale do Cricaré, 2020.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é considerado um transtorno de neurodesenvolvimento que apresenta características como déficits nas interações e na comunicação social, comportamentos repetitivos e padrões estereotipados, apego aos objetos, que resultam em um isolamento extremo. Com base em um estudo realizado por Leo Kanner constatou-se que o autismo se desenvolve desde os primeiros meses de vida da criança e influencia o desenvolvimento dos aspectos sensoriais e a interação social. Assim, para melhor compreendê-lo, esta pesquisa tem por objetivo discutir como a primeira fase da Educação Infantil pode contribuir para o desenvolvimento social da criança autista. A investigação fundamenta-se nas principais teorias propostas por Leo Kanner, de que crianças autistas sofriam de uma inabilidade inata de se relacionarem emocionalmente com outras pessoas, por Claudio Roberto Batista e Cleonice Bosa, que descrevem como um transtorno de personalidade que inclui a falta de empatia, baixa capacidade de fazer amizades, monólogo, hiperfoco em assunto de interesse especial e dificuldade de coordenação motora; proposta por Ana Beatriz Barbosa Silva, Mayara Bonifácio Gaiato e Leandro Thadeu Reveles, que destacam a importância da percepção dessas características logo no início, pois aumentam as chances de corrigir as disfunções advindas do autismo; e por Lev Semionovitch Vigotski, em que segundo o autor uma criança com necessidades especiais na educação infantil inicia-se mediante o impulsionamento do seu desenvolvimento social e sua interação com outras pessoas e crianças da mesma idade. Buscam orientações na Base Nacional Comum Curricular, e no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, que estabelecem as diretrizes para a educação em todas as etapas no Brasil, bem como os campos das experiências desenvolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Também foram realizadas pesquisas no Banco de Teses e Dissertações da Capes e em artigos publicados em revistas. Para desenvolver a pesquisa utilizou-se como metodologia o estudo de caso, proposto por Robert K. Yin, que contribui para o estudo aprofundado de fenômenos sociais, individuais, organizacionais e políticos. Os métodos de investigação utilizados foram, primeiramente, as entrevistas estruturadas realizadas com a mãe e a professora da criança autista e, em um segundo momento, ocorreu uma intervenção pedagógica com a criança autista, adotando como método de análise a observação direta. Os resultados obtidos com esse estudo de caso corroboraram com a afirmativa de que a Educação Infantil contribui para o desenvolvimento das interações sociais da criança autista, ao aplicar atividades pedagógicas que estimulem a interação social, a comunicação, a linguagem e o desenvolvimento do aspecto sensório-motor. Como produto final, a presente pesquisa apresenta um guia didático com atividades que promovem a socialização da criança autista na Educação Infantil, com o objetivo de auxiliar os professores no processo ensino-aprendizagem de crianças autistas.

Palavras-chave: Autismo. Crianças autistas. Educação Infantil. Desenvolvimento social. Socialização.

ABSTRACT

MOREIRA, Dalria Lima de Souza. **Contributions of early childhood education to the socialization of the autistic child:** a case study. 2020. 123 f. Dissertation (Master) - Faculdade Vale do Cricaré, 2020.

Autistic Spectrum Disorder (ASD) is considered a neurodevelopmental disorder that has characteristics such as deficits in interactions and social communication, repetitive behaviors and stereotyped patterns, attachment to objects, which result in extreme isolation. Based on a study by Leo Kanner, it was found that autism develops from the first months of the child's life and influences the development of sensory aspects and social interaction. Thus, to better understand it, this research aims to discuss how the first phase of Early Childhood Education can contribute to the social development of autistic children. The investigation is based on the main theories proposed by Leo Kanner, that autistic children suffered from an innate inability to relate emotionally to other people, by Claudio Roberto Batista and Cleonice Bosa, which he describes as a personality disorder that included lack of empathy, low ability to make friends, monologue, hyper focus on a subject of special interest and difficulty in motor coordination; proposed by Ana Beatriz Barbosa Silva, Mayara Bonifácio Gaiato and Leandro Thadeu Reveles, who highlight the importance of perceiving these characteristics right from the start, as they increase the chances of correcting dysfunctions arising from autism; and Lev Semionovitch Vigotski, in which, according to the author, a child with special needs in early childhood education begins by boosting their social development and their interaction with other people and children of the same age. They seek guidance in the National Common Curricular Base, and in the National Curriculum Reference for Early Childhood Education, which establish guidelines for education in all stages in, as well as the fields of experiences developed in the teaching and learning process. Research was also carried out at the Capes Theses and Dissertations Bank and in articles published in magazines. To develop the research, the case study proposed by Robert K. Yin, was used as a methodology, which contributes to the in-depth study of social, individual, organizational and political phenomena. The research methods used were, first, the structured interviews carried out with the mother and teacher of the autistic child and, in a second moment, there was a pedagogical intervention with the autistic child, adopting direct observation as the method of analysis. The results obtained with this case study corroborated with the statement that Early Childhood Education contributes to the development of social interactions of the autistic child, by applying pedagogical activities that stimulate social interaction, communication, language and the development of the sensory- motor. As a final product, this research presents a didactic guide with activities that promote the socialization of the autistic child in Early Childhood Education, with the objective of helping teachers in the teaching-learning process of autistic children.

Keywords: Autism. Autistic children. Child education. Social development. Socialization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Centro Municipal de Educação Infantil “Menino Jesus”	39
Figura 2 – Sala do Maternal 1A.....	40
Figura 3 - Aluno realizando atividade da Caixa Musical.....	59
Figura 4 - Criança brincando no espelho	61
Figura 5 - Criança realizando a atividade de pôr e tirar.....	62
Figura 6 - Criança ao iniciar a atividade no banho	63
Figura 7 - Criança brincando no banho	64
Figura 8 - Criança realizando atividade Bandinha Diferente	65
Figura 9 - Criança se alimentando sozinha	66
Figura 10 - Criança brincando em cima da cama.....	68
Figura 11 - Criança brincando na cabaninha.....	69
Figura 12 - Criança apreciando um álbum de fotos.....	71
Figura 13 - Criança brincando no quintal	73
Figura 14 - Criança brincando no quintal e observando os objetos.....	73

LISTA DE SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CID	Classificação Estatística Internacional de Doenças
CMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
DSM	Diagnostic and Statistical Manual (Manual de Diagnóstico e Estatística)
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LBD	Lei de Diretrizes e Bases Nacional de Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PcD	Pessoas com Deficiência
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEA	Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	DO PROBLEMA AOS OBJETIVOS DA PESQUISA	14
1.2	JUSTIFICATIVA	15
1.3	ESTRUTURA DA PESQUISA	17
2	REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1	REVISÃO DE LITERATURA	19
2.2	ENTENDENDO O AUTISMO	22
2.2.1	Incidência do autismo em crianças	24
2.2.2	Características da criança com autismo	25
2.3	A CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	28
2.4	EDUCAÇÃO INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA CRIANÇA	33
3	METODOLOGIA	37
3.1	SUJEITO DA PESQUISA	37
3.2	AMBIENTE DA PESQUISA	39
3.3	ETAPAS DO ESTUDO DE CASO	40
3.3.1	Formulação do problema	41
3.3.2	Definição da unidade de análise	42
3.3.3	Determinação do número de caso	42
3.3.4	Instrumentos de coleta de dados	43
3.3.5	Análise e interpretação dos dados	46
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	47
4.1	ENTREVISTA COM A MÃE	47
4.2	ENTREVISTA COM O PROFESSOR	52
4.3	ESTUDO DE CASO: ATIVIDADES PEDAGÓGICAS	57
5	PRODUTO FINAL	74
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
	REFERÊNCIAS	79
	APÊNDICE A: PRODUTO FINAL	83
	APÊNDICE B: ENTREVISTAS	102
	APÊNDICE C: CAIXA DE MÚSICAS	104
	APÊNDICE D: BRINCANDO COM O ESPELHO	106
	APÊNDICE E: BRINCADEIRA DE PÔR E TIRAR	107

APÊNDICE F: BRINCANDO NO BANHO	108
APÊNDICE G: BANDINHA DIFERENTE.....	109
APÊNDICE H: COMER, COMER	110
APÊNDICE I: BRINCANDO EM CIMA DA CAMA	111
APÊNDICE J: VAMOS BRINCAR DE CABANINHA?	112
APÊNDICE K: APRECIANDO ÁLBUM DE FOTOS.....	113
APÊNDICE L: PASSEIO NO QUINTAL	114
ANEXO A: PARECER DO COMITÊ DE ETICA EM PESQUISA.....	115
ANEXO B: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE.	119
ANEXO C: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA COPARTICIPANTE	120
ANEXO D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – RESPONSÁVEL LEGAL	121

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe discutir questões em torno de uma criança autista na Educação Infantil, por entender que essa fase é imprescindível para seu desenvolvimento social, cognitivo, motor e afetivo.

Para desenvolver esta pesquisa será adotada a concepção de autismo de Kanner (1943), que seria a incapacidade inata que a criança tem ao estabelecer relações afetivas de qualquer espécie, bem como a dificuldade em utilizar a linguagem que, na maioria das vezes, ocorre por meio de palavras soltas pronunciadas de forma repetitiva.

Diversas foram as concepções do autismo ao longo dos anos, sendo considerado um transtorno que até os dias atuais tem sua etiologia desconhecida. A primeira concepção do autismo foi registrada em 1911 pelo psiquiatra austríaco Eugen Bleuler, que descreveu o autismo como o isolamento social dos indivíduos. Para ele, o autismo era uma das características de pessoas acometidas de esquizofrenia (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012).

Posteriormente, em 1943, um estudo realizado pelo psiquiatra infantil austríaco Leo Kanner, responsável pela obra *Autistic disturbances of affective contact* (Distúrbios Autísticos de Contato Afetivo), publicada no *Journal Nervous Child*, identificou e observou 11 crianças que se isolavam ao extremo desde os primeiros meses de vida (KANNER, 1943).

Os autores Baptista e Bosa (2002) afirmam que, durante vários anos, perdurou o entendimento na sociedade de que pessoas com autismo eram consideradas “alheias ao mundo ao redor, não tolerando o contato físico, não fixando o olhar nas pessoas e interessando-se mais por objetos do que por outras pessoas ou, ainda, nem mesmo discriminando seus pais de um estranho na rua” (BAPTISTA, BOSÁ, 2002, p. 34).

Contudo, o compartilhamento de conhecimentos produzidos pelo avanço da pesquisa e da facilidade de comunicação entre pesquisadores do mundo inteiro contribuiu para transformar esse quadro. De acordo com Baptista e Bosa (2002, p. 34), “Nem todos os autistas mostram aversão ao toque ou isolamento”. Alguns autistas, segundo os autores, podem buscar o contato físico, muitas vezes, de forma intensa, principalmente, em relação aos pais.

Ao longo dos anos, o estudo do autismo, em específico o estudo do funcionamento cerebral, é uma das áreas que mais obtém investimento e desenvolvimento da neurociência (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012). E a mais recente classificação do DMS-5 classifica o autismo “à categoria denominada transtornos de neurodesenvolvimento, recebendo o nome de transtornos do espectro do autismo (TEA)” (SCHMIDT, 2013, p. 21).

Entretanto, apesar dos avanços das pesquisas, o autismo ainda é considerado um transtorno com muitas perguntas sem respostas, particularmente sobre as causas do autismo. E como Kanner (1943) descreveu em sua pesquisa, o autismo se desenvolve desde os primeiros meses de vida da criança, com características diferentes em cada criança.

Assim, como o autismo interfere significativamente na vida da criança em várias áreas, uma das mais afetadas é a educacional, que ainda não está preparada pra trabalhar com crianças com TEA. Isso foi observado pela pesquisadora enquanto educadora de um centro de educação infantil que pôde perceber a dificuldade e a ineficiência do ensino padronizado sobre as crianças com autismo. Assim, é importante citar que esta pesquisa tem sua origem na experiência de vida pessoal e profissional da pesquisadora.

1.1 DO PROBLEMA AOS OBJETIVOS DA PESQUISA

O projeto em síntese busca solucionar a seguinte problemática: **como a Educação Infantil pode contribuir para o desenvolvimento social da criança autista?**

Para isso, leituras, discussões e experiências vivenciadas podem redimensionar o processo de ensino e aprendizagem e, assim, auxiliar o desenvolvimento da criança autista. Dessa forma, o objetivo principal desta pesquisa é **discutir como a primeira fase da Educação Infantil pode contribuir para o desenvolvimento social da criança autista.**

Logo, alguns objetivos específicos foram importantes para o resultado da pesquisa, entre eles:

- Verificar como a criança autista se comporta em relação à rotina estabelecida na Educação Infantil.

- Identificar práticas pedagógicas que colaboram para o desenvolvimento da criança autista.
- Entender, por meio da percepção do professor regente de classe, o processo de inclusão escolar de uma criança com autismo.
- Propor um guia didático, em formato de e-book, com atividades a serem desenvolvidas por professores na Educação Infantil e que colabore com o desenvolvimento social da criança autista.

1.2 JUSTIFICATIVA

O transtorno do espectro autista atinge cerca de 70 milhões de pessoas ao redor do mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Estima-se que, no Brasil, há mais de 2 milhões de pessoas diagnosticadas com autismo, de acordo com Silva (2019).

O relatório da ONU aponta que “[...] cerca de 1% da população mundial – ou um em cada 68 crianças – apresenta algum transtorno do espectro do autismo, e a ocorrência da condição neurológica tem aumentado”; acrescenta, ainda, que a maioria dos diagnosticados com autismo são crianças (ONU, 2016, p. 1).

Com base nesse relatório, evidencia-se o entendimento do psiquiatra austríaco infantil Kanner (1943) quando afirmou que o autismo se desenvolve desde o início da vida da criança. Além disso, é considerado por Lemos, Salomão e Agripino-Ramos (2014) como um transtorno de desenvolvimento de etiologias múltiplas, ou seja, a característica do autismo desenvolve-se de forma diferente em cada pessoa, afetando tanto sua comunicação quanto seu comportamento.

Contudo, mesmo nos dias atuais, e com o avanço nas pesquisas e o alto investimento, nenhum especialista obteve um diagnóstico concreto sobre as causas do autismo. Diante disso, trabalhar com esse tema é de grande relevância para o avanço dos estudos a respeito desse transtorno, bem como contribui para aumentar o conhecimento da sociedade sobre o autismo.

Além da relevância do tema, destaca-se que compreender o autismo é abrir caminhos para o entendimento e o próprio desenvolvimento, é renunciar à visão única do mundo, é pensar de formas múltiplas, é falar e ouvir outra linguagem, é criar oportunidades de troca e espaço entre os saberes e a ignorância.

Desse modo, a pesquisa justifica-se também pela experiência profissional da pesquisadora que durante um período em que lecionava em uma turma com um aluno autista pôde observar que uma criança com autismo tem dificuldades na comunicação verbal e não verbal, incluindo gestos, expressões faciais inexpressivas, linguagem corporal, ritmo e modulação da linguagem. Conforme um estudo de Coutinho (2005), o autismo é diagnosticado em diferentes modalidades e graus, variando desde o autismo clássico ao autismo mais suave, como a Síndrome de Asperger. Essa variedade requer que os profissionais da educação tenham à disposição e utilizem ferramentas pedagógicas capazes de contribuir para o desenvolvimento da criança autista, compreendendo suas características e como elas interferem em seu cotidiano pessoal e escolar.

É importante citar que a experiência pessoal e profissional da pesquisadora que, atualmente, atua como docente no ensino da Educação Infantil colaborou para o interesse em desenvolver esta pesquisa. Isso porque as creches e, até mesmo, as escolas têm dificuldades referentes ao ensino padronizado ofertado às crianças com autismo, o que gera fragilidades em relação à aprendizagem e ao desenvolvimento integral da criança.

Durante os quatro anos de estágios realizados na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e no Lions (antes, Centro de Referência de Assistência Social) evidenciou-se a importância de trabalhar com práticas pedagógicas que influenciem a criança autista a aprender e a se socializar com outras crianças e com os adultos. Isso contribuiu, consideravelmente, para despertar o interesse em buscar metodologias pedagógicas para trabalhar com pessoa com deficiência, principalmente, porque a pesquisadora tem em seu grupo familiar uma irmã com deficiência auditiva.

No entanto, apesar da experiência obtida ao longo dos anos como educadora, trabalhando com diversos alunos especiais, em que cada um tinha uma dificuldade diferente, ficou evidente a necessidade de ir além, de buscar ferramentas e práticas metodológicas que possam contribuir para o desenvolvimento social da criança autista. Esse trabalho deve ser realizado desde a primeira fase da Educação Infantil, visando auxiliar a criança a constituir sua identidade e autonomia.

Nesse sentido, buscou-se com esta pesquisa aumentar o conhecimento sobre o autismo, bem como discutir práticas pedagógicas que contribuam para que as creches e os profissionais da Educação Infantil incluam as crianças autistas em suas

atividades. Desse modo colaborar para que a criança consiga se desenvolver em seus aspectos cognitivo, motor, sensorial, intelectual e social, com atividades que despertem seu interesse.

1.3 ESTRUTURA DA PESQUISA

Para melhor compreensão pelos leitores, esta pesquisa está dividida em seis capítulos, sendo organizada de forma lógica, compreendendo o objetivo da pesquisa, a justificativa, a abordagem teórica e a metodologia adotada para desenvolvê-la.

Assim, no Capítulo 1 apresenta-se uma abordagem introdutória com discussões em torno do Transtorno do Espectro Autista, em específico, o desenvolvimento desse transtorno em uma criança autista. Enfatiza a importância da inserção na Educação Infantil, considerando que essa etapa é importante para o desenvolvimento social, cognitivo, motor e afetivo da criança. Nesse capítulo também é evidenciado o problema norteador da pesquisa, os objetivos, e o motivo da escolha dessa temática.

No Capítulo 2 encontra-se o referencial teórico, trazendo, inicialmente, uma revisão de literatura, com ênfase em dissertações e em artigos publicados nos últimos cinco anos que tratam do processo de inclusão das crianças autistas nas escolas de Educação Infantil, discutindo as práticas pedagógicas que viabilizam o desenvolvimento da criança autista.

Ainda no Capítulo 2 aborda-se a origem do termo autismo, dialogando com vários pesquisadores e psiquiatras que contribuíram para definir o que se entende hoje como Transtorno do Espectro Autista, um transtorno de neurodesenvolvimento, que implica no desenvolvimento da comunicação, da linguagem e da interação social. Além das discussões dos dados estatísticos da incidência do autismo em crianças, incluindo as características apresentadas por uma criança autista, e dialogando sobre a importância da Educação Infantil para o desenvolvimento da criança autista.

O Capítulo 3 traz, detalhadamente, a perspectiva metodológica adotada nesta pesquisa, bem como as técnicas de produção de dados que auxiliaram na aquisição e informações para desenvolver a pesquisa. Entre elas, a aplicação de entrevistas com os pais e o professor da criança autista, e o estudo de caso, que proporcionou

uma análise aprofundada das características e do desenvolvimento da criança autista, sujeito da pesquisa.

No Capítulo 4 apresenta-se as análises dos resultados das entrevistas, e das observações com os sujeitos da pesquisa, uma análise detalhada de cada técnica de análises de dados adotada, sendo, inicialmente, apresentados os resultados da entrevista com os sujeitos de pesquisa, relacionando-os com a teoria. Em seguida, a observação de cada atividade de forma individualizada, de forma a proporcionar uma melhor compreensão das atividades que apresentaram resultados satisfatórios à criança autista.

O Capítulo 5 contém o produto final da dissertação, um guia didático, em formato de e-book, com sugestões de atividades pedagógicas, cujo objetivo é promover a socialização da criança autista na Educação Infantil.

E o Capítulo 6 finaliza-se a dissertação, apresentando considerações acerca da aplicação de atividades pedagógicas promovidas na Educação Infantil que cooperam para o desenvolvimento da interação social da criança autista, bem como contribuem para o desenvolvimento da linguagem, da comunicação, do aspecto sensório-motor e da autonomia da criança.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo está dividido em duas partes. A primeira parte compreende uma revisão de literatura por meio de buscas de dissertações e teses acerca do Transtorno do Espectro do Autismo, elencando a concepção definida por diversos pesquisadores ao longo dos últimos cinco anos, bem como um levantamento de dados estatísticos sobre o número de crianças autistas, segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (2018).

E uma segunda parte, composta por teorias que embasam o desenvolvimento da pesquisa com abordagens acerca das causas e dos sintomas apresentados pelo Transtorno do Espectro Autista, que é de grande relevância para identificar uma criança autista, o que contribui para fazer uma intervenção ainda na primeira fase da infância.

Além disso, também compreende uma abordagem a respeito da Educação Infantil e o seu papel contributivo para o desenvolvimento infantil da criança, abrangendo os aspectos sociais, cognitivos, motor e afetivo da criança autista.

2.1 REVISÕES DE LITERATURA

O estudo sobre o autismo tem sido abordado por vários pesquisadores ao longo dos anos, o que colabora para o entendimento cada vez mais forte e concreto sobre as características do autismo e seu desenvolvimento nos indivíduos que recebem este diagnóstico. No tocante às características, os pesquisadores Kanner (1943), Asperger (1944) e a psiquiatra Lorna Wing apresentam as dificuldades na comunicação, na linguagem e na interação social como as predominantes desse transtorno, mas cada um contribui de forma única para o desenvolvimento de pesquisas que retratam a inclusão do autista na sociedade.

Entretanto, muito embora as consequências do autismo na vida de uma criança com autismo seja significativa em vários aspectos, nesta pesquisa, objetiva-se abordar o autismo no cenário educacional, trazendo a percepção sobre as contribuições da Educação Infantil para o desenvolvimento social da criança autista. Para isso utilizou algumas produções acadêmicas e literárias consideradas norteadoras para desenvolver esta pesquisa. Entre as produções acadêmicas utilizadas ressalta-se o uso de dissertações e artigos científicos.

Assim, por meio de um levantamento no banco de dados dos Periódicos Capes foi selecionada a maioria das produções acadêmicas utilizadas nesta pesquisa, compreendendo as produções publicadas entre os anos de 2015 a 2019 e que retratassem o autismo infantil e o autismo na Educação Infantil. Além desta plataforma, também se buscou no Catálogo de Teses e Dissertações, uma plataforma da Capes, por dissertações que retratassem o tema abordado.

Entre as dissertações encontradas cita-se a dissertação intitulada “Inclusão escolar e autismo na educação infantil”, de Angelina Gabrielle Moreira Ornelas Pereira, cujo objetivo foi discutir o processo de inclusão de alunos autistas em escolas de Educação Infantil, verificando se as práticas pedagógicas utilizadas têm considerado as individualidades de cada criança autista.

Nesse estudo, Pereira (2019) traz a abordagem da construção histórica do autismo, das suas características e dos critérios para diagnóstico desse transtorno. A autora compreende que o autismo é considerado um transtorno de desenvolvimento, que implica em dificuldades para estabelecer habilidades, como a comunicação, a interação social, a falha no desenvolvimento da linguagem, bem como a presença de comportamentos repetitivos que são característicos de uma criança autista.

Uma observação interessante apontada por Pereira (2019), em relação às características do autismo, é que a autora retrata que não se deve afirmar que um autista tem ausência de linguagem, e sim uma falha do desenvolvimento da linguagem. Isso porque os autistas têm uma capacidade de criar, o que permite que outras formas de linguagem se desenvolvam durante o processo de interação da criança com os pais e/ou educador.

Em sua pesquisa, Pereira (2019) concluiu que existe a inclusão de crianças autistas em escolas de Ensino Infantil, devido à legislação que garante esse direito as crianças com deficiência. No entanto, abre uma crítica quanto à inclusão, pois a legislação viabiliza a inserção do aluno na sala de atividades, porém a inclusão somente ocorre diante de mudanças no ambiente escolar e da utilização de práticas pedagógicas que compreendam a necessidade de cada criança autista em seu individual.

Em relação aos artigos científicos utilizados está o “Autismo na Educação Infantil”, de Gentil e Namiuti (2015), que aborda aspectos educacionais que envolvem as crianças com autismo, apontando o educador como agente

transformador e sujeito importantíssimo no processo de desenvolvimento social da criança autista na sala de atividades.

Já a pesquisa realizada por Teixeira e Ganda (2019), intitulada “Inclusão e Autismo: relato de caso sobre o trabalho com uma criança na Educação Infantil”, traz o processo de inclusão de um aluno autista na Educação Infantil, por meio de práticas pedagógicas que estimulem o interesse na criança em participar das atividades. Com base nessa pesquisa, verificou-se que a utilização de atividades pedagógicas diferenciadas contribuiu para que a criança demonstrasse mais socialização com as outras crianças, e se sentisse mais segura e confiante na realização das atividades, desenvolvendo sua autonomia, além do progresso na aprendizagem.

Uma das pesquisas mais relevantes para o desenvolvimento deste estudo foi o artigo *Autistic Disturbances Of Affetive Contact*, de Leo Kanner (1943), publicado no *Journal Nervous Child*, que discorre sobre um estudo realizado com onze crianças que apresentavam características peculiares de isolamento ao extremo desde os primeiros meses de vida. Esse estudo foi um dos primeiros a usar o termo autismo para caracterizar pessoas com dificuldades na comunicação e na interação social, falha no desenvolvimento da linguagem e isolamento extremo.

Além das produções acadêmicas, a base teórica que forneceu mais embasamento para realizar esta pesquisa compreende as produções literárias que retratam a história do autismo e as características peculiares deste transtorno.

Uma importante produção utilizada nesta pesquisa foi o livro “Mundo Singular: entenda o autismo”, de Silva, Gaiato e Reveles (2012), que traz uma abordagem do autismo em um contexto geral, evidenciando as dificuldades apresentadas por um autista, que envolvem a dificuldade social, de comunicação e comportamental. Também discutiu o autismo em duas diversas manifestações, desde o mais leve ao grau mais extremo; a concepção histórica do autismo, entre outras concepções que são importantes no processo de diagnóstico do transtorno e na busca de atividades que estimulem o desenvolvimento da criança.

Em suma, diversas são as pesquisas que explicam o transtorno do espectro autista e o processo de inclusão da criança autista no ambiente escolar, buscando elaborar algumas práticas e atividades que viabilizem o desenvolvimento social da criança autista, para que ela se torne cada vez mais independente e desenvolva as habilidades básicas. Nessa perspectiva, espera-se que esta pesquisa contribua para

ampliar o conhecimento referente à importância da Educação Infantil no desenvolvimento da criança autista, estimulando novos estudos que colaborem para a inclusão da criança autista e seu desenvolvimento social.

Assim, encerra-se neste ponto a revisão de literatura e, a partir do item 2.2, evidenciam-se as teorias que compõem o embasamento teórico desta pesquisa.

2.2 ENTENDENDO O AUTISMO

A palavra autismo é derivada do grego “autos” que significa “voltar-se para si”. De acordo com Silva, Gaiato e Reveles (2012), a palavra autismo foi utilizada pela primeira vez pelo psiquiatra austríaco Eugen Bleuler, no ano de 1911. Inicialmente, o autismo era conceituado como um isolamento extremo que ocorria desde os primeiros meses de vida, e suas características eram utilizadas para descrever quadros de pessoas com esquizofrenia.

Em 1943, o psiquiatra infantil Leo Kanner, em seu estudo, concordou indiretamente com Bleuler (1911) ao afirmar que o autismo se classificava como um isolamento extremo, porém discordou da ideia de que o autismo poderia ser considerado um quadro de pessoa com esquizofrenia. Kanner (1943) considerava o autismo como uma incapacidade inata que a criança possui em se relacionar socialmente, o que dificulta o desenvolvimento da linguagem e influencia o comportamento, elencando ações repetitivas.

Em 1944, em um estudo observacional realizado por Hans Asperger, intitulado Psicopatia Autista da Infância (apresentado em sua tese de doutorado), esse autor conceituou o autismo como “Um transtorno da personalidade que incluía falta de empatia, baixa capacidade de fazer amizades, monólogo, hiperfoco em assunto de interesse especial e dificuldade de coordenação motora” (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012, p. 77).

As características evidenciadas por Asperger (1944) seguem o mesmo entendimento de Kanner (1943), visto que a falta de empatia e a baixa capacidade de fazer amizade estão relacionadas à dificuldade de se relacionar socialmente, ou seja, são características comportamentais de uma pessoa que tem dificuldades de se socializar. Porém, o estudo de Asperger (1944) já trazia mais uma característica para o autismo, a dificuldade de coordenação motora evidenciada pelo autor em seu estudo observacional.

Apesar desses estudos, a psiquiatra inglesa Lorna Wing é considerada a primeira pessoa que descreveu a tríade dos sintomas do autismo: “alterações na sociabilidade, comunicação/linguagem e padrão alterado de comportamentos” (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012, p. 77). A psiquiatra Lorna Wing assimilou o entendimento de Kanner (1943) e Asperger (1944), entendendo que todas as características encontradas pelos pesquisadores correspondem ao quadro de uma pessoa com transtorno do espectro autista.

Contudo, ambos os pesquisadores ainda buscavam respostas para esse transtorno, que tinha sua etiologia desconhecida. Apesar desse fato, Pinto et al (2016) definem o autismo como uma síndrome de origem multicausal, que envolve diversos fatores genéticos, neurológicos e sociais da criança.

Pinto et al. (2016) também definem o autismo, conhecido como Transtorno do Espectro Autista, como uma síndrome que compromete as ações comportamentais da criança, como o desenvolvimento motor e o psiconeurológico, o que dificulta a cognição, a linguagem e a interação social. Nesse sentido, para Pinto et al. (2016), cada característica identificada pelos pesquisadores corresponde a uma pessoa diagnosticada com autismo, no entanto, eles acrescentam que sua origem é multicausal, ou seja, diversos são os fatores que configuram um transtorno de desenvolvimento, e cada um pode desenvolver uma característica diferente.

A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) acrescenta que o transtorno de deficiência intelectual e os invasivos de desenvolvimento são considerados transtornos que começam durante a infância e tendem a permanecer na fase adulta, comprometendo o atraso ou não do desenvolvimento da maturação do sistema nervoso central (OPAS, 2018). Em outras palavras, o transtorno de desenvolvimento é percebível desde os primeiros meses de vida. Contudo, ele pode permanecer durante a fase adulta, o que implica em uma busca para saber mais sobre o transtorno, bem como a inclusão de atividades que viabilizem o desenvolvimento do autista, atentando-se sempre às características de cada um.

Com base no entendimento de cada pesquisador, o apresentado por Kanner (1943) é o que mais se identifica com este estudo, visto que traz o desenvolvimento da linguagem como uma característica do autismo. Desse modo, como educadora, considero pertinente trabalhar com práticas pedagógicas que auxiliem o desenvolvimento integral da criança, sendo o desenvolvimento da linguagem um aspecto importante.

2.2.1 Incidência do autismo em crianças

Segundo dados epidemiológicos da OPAS (2018, p. 01), “Estima-se que, em todo o mundo, uma em cada 160 crianças tem transtorno do espectro autista.” Trata-se de uma estimativa baseada no valor médio e na prevalência relatada em estudos. Entretanto, em estudos mais controlados há relatos de que os números são mais elevados. A OPAS destaca que, em países de baixa e média renda, a prevalência do Transtorno Espectro do Autismo é desconhecida.

Com base em estudos epidemiológicos realizados nos últimos 50 anos, a prevalência de TEA parece estar aumentando globalmente. Há muitas explicações possíveis para esse aumento aparente, incluindo aumento da conscientização sobre o tema, a expansão dos critérios diagnósticos, melhores ferramentas de diagnóstico e o aprimoramento das informações reportadas (OPAS, 2018, p. 01).

De acordo com uma pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 1% da população mundial é diagnosticada com algum transtorno autista e, na maioria dos casos, são crianças, ou seja, de uma a cada 68 são crianças.

Com base em estudos realizados pela ONU (2016) é possível constatar que o Transtorno do Espectro do Autismo ainda não é bem compreendido pela sociedade, o que dificulta a interação dessas crianças com outros indivíduos.

Apesar de a pesquisa adotar uma concepção que considera o autismo como um transtorno de neurodesenvolvimento, é importante destacar a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, em seu artigo 1º, § 2º. Essa lei declara, para efeitos legais, que uma pessoa com transtorno do espectro autista é considerada uma pessoa com deficiência. Entre elas se enquadra a “deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social” (BRASIL, 2012, p. 1).

Outra pesquisa realizada, dessa vez pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), constatou que o número de alunos com autismo cresceu 37,27% no ano de 2017, aproximadamente 77.102 crianças e adolescentes autistas frequentavam as escolas e estudavam na mesma sala que

alunos sem deficiência. Em 2018, o índice aumentou para 105.842 alunos com autismo.

Apesar da inserção das crianças com autismo em sala de atividades, ainda é considerado um desafio o processo de ensino e aprendizagem destas. Isso porque é preciso que os conteúdos sejam abordados de forma mais clara, devem estimular as crianças autistas a despertarem um interesse sobre o aprendizado, e o ensino deve ser realizado com inclusão de atividades lúdicas, de maneira a contribuir para o desenvolvimento da criança.

2.2.2 Características da criança com autismo

O autismo é considerado um transtorno de desenvolvimento que dificulta o desenvolvimento de habilidades sociais, criativas, afetivas e, principalmente, comunicativas. O autismo apresenta-se em uma pessoa com características de comportamentos repetitivos, de interesse e atividades restritas (PEREIRA, 2019).

Segundo Kanner (1943), uma característica peculiar do autismo está relacionada à idade em que os primeiros sinais aparecem, algo que ocorre desde a infância. De acordo com Kanner (1943), desde os primeiros meses de vida uma criança autista apresenta características de isolamento extremo, apego às rotinas, a preferência por objetos inanimados ao contrário de se relacionar com as pessoas a sua volta e, até mesmo, com seus familiares.

Silva, Gaiato e Reveles (2012) concordam com essa teoria ao afirmarem que os primeiros sintomas do autismo surgem antes dos três anos de idade e destacam a importância de perceber essas características logo no início, pois aumentam as chances de corrigir as disfunções advindas do autismo.

Em uma pesquisa realizada por Hans Asperger (1944), ele assinalou o transtorno de personalidade, que inclui a falta de empatia, a incapacidade de se relacionar com as pessoas, o hiperfoco em assuntos de interesse especial, e a dificuldade de coordenação motora como características apresentadas por crianças diagnosticadas com autismo.

Desse modo, uma criança com diagnóstico de autismo tem problemas na habilidade social, vivenciadas pela “[...] dificuldade de interpretar os sinais sociais e as intenções dos outros [...]” (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012, p. 10), o que resulta

em uma ausência de relacionamento com as pessoas que convivem com a criança autista e estejam no mesmo ambiente.

Outra característica do autismo é a comunicação verbal e não verbal, também uma área em que pessoas com autismo têm dificuldades, classificada por Pinto et al (2016) como uma tríade singular, que engloba prejuízos qualitativos na comunicação, na interatividade social e na restrição de atividades e interesses.

No que se refere a essa característica, segundo Pereira (2019), embora uma criança com autismo apresente dificuldades na comunicação, não se deve afirmar que existe uma ausência de linguagem, considerando-se que os autistas têm uma capacidade de criar e isso lhes permite estabelecer comunicações, compreendidas por eles como uma linguagem. Desse modo, deve-se considerar que o autismo infantil apresenta características de alterações na linguagem.

Nota-se que essas características dificultam o desenvolvimento infantil da criança, visto que impactam diretamente em seu desenvolvimento social. Silva, Gaiato e Reveles (2012, p. 10) completa que “Crianças com autismo apresentam repertório de interesses e atividades restritos e repetitivos [...] e têm dificuldade de lidar com o inesperado e demonstram pouca flexibilidade para mudar as rotinas”.

Para Martins (2002), o autismo traz prejuízos ao desenvolvimento e interação social, devido aos “[...] distúrbios da comunicação e aos padrões restritos e estereotipados de comportamentos e interesses” (MARTINS, 2002, p. 41). Esse prejuízo no desenvolvimento infantil retarda o desenvolvimento das funções cognitivas da criança, dificultando as características de percepção, de aprendizagem, de raciocínio, de conhecimento e de comunicação.

Gentil e Namiuti (2015) retratam que a interação social é uma das características mais afetadas pelo transtorno do espectro autista, implicando, significativamente, na afetividade da criança. Para os autores, crianças autistas se caracterizam pela apresentação de “[...] falhas em demonstrar reações empáticas a expressões e ações afetivas de outras pessoas devido à falta de sensibilidade social, além da falta de habilidade de estabelecer conexões socioafetivas [...]” (GENTIL, NAMIUTI, 2015, p. 180).

Além dessas características, também se enquadram os comportamentos estereotipados de características repetitivas, que ocorrem por meio da repetição de frases, de palavras e de ações da criança, restringindo seu interesse em atividades espontâneas. Essas características são apontadas por Tenente (2019) como

aspectos da Síndrome de Asperger, considerado outro extremo do autismo, que atua de forma mais branda, cujos sintomas são “desinteresse em compartilhar gostos; dificuldade em socialização; falta de empatia ou de ter reações em grupo; interesse por assuntos muito específicos; comportamento repetitivo; sensibilidade alta ou baixa nos 5 sentidos” (TENENTE, 2019, p. 01).

Ambas as características apresentadas estão relacionadas a critérios de diagnósticos de uma pessoa com autismo, descritos, atualmente, como DMS-V ou CID 10, e ocorrem mediante uma observação do comportamento da criança e por meio de entrevistas realizadas com os pais ou responsáveis.

O transtorno autístico está inserido no diagnóstico do DMS-V, que também compreende o diagnóstico de pessoas com Transtorno Desintegrativo da Infância, e o Transtorno Global ou Invasivo do Desenvolvimento. No entanto, é importante ressaltar que o autismo se apresenta de diferentes formas e, em alguns casos, de forma mais branda e, em outros casos, é caracterizado pelo autismo extremo. Segundo Pereira (2019), as pessoas diagnosticadas com autismo mais leve, geralmente, conseguem viver de forma independente, embora ainda apresentem dificuldades, mas as pessoas com graus de autismo mais elevados se tornam dependentes e precisam de ajuda e cuidado até para desempenhar as atividades diárias.

Apesar da variação de grau, todas as características do autismo estão relacionadas às dificuldades na comunicação, à interação social e ao desenvolvimento comportamental, sendo essas as características predominantes de um diagnóstico de uma pessoa autista.

Uma pesquisa realizada pela OPAS (2018) aponta que diversos fatores estão relacionados às características de uma criança propensa ao Transtorno do Espectro do Autismo, entre eles, fatores ambientais e genéticos. O entendimento de Pinto et al. (2016) assemelha-se ao da OPAS, ao defender que fatores genéticos, neurológicos e sociais estão relacionados às causas do autismo.

Diversos estudos epidemiológicos foram realizados pela OPAS em busca de testes referente à hipótese de o autismo estar relacionado a vacinas contra sarampo, caxumba e rubéola. Contudo, não existe evidência da vacina como causa do autismo, e estudos anteriores foi marcado por erros metodológicos.

Assim, diante das peculiaridades do diagnóstico e do desconhecimento da etiologia do autismo, é fundamental que quaisquer comportamentos diferentes

apresentados pela criança, quando comparadas a outras da mesma idade, os pais e/ou familiares devem procurar ajuda médica para auxiliar no diagnóstico, visto que o “[...] reconhecimento da sintomatologia manifestada pela criança com autismo é fundamental para a obtenção do diagnóstico precoce” (PINTO *et al.*, 2016, p. 2).

Dessa forma, fazer uma intervenção médica e pedagógica durante os primeiros meses da criança é imprescindível para promover o desenvolvimento integral da criança, pois o diagnóstico médico possibilita compreender o nível de autismo da criança e, em casos mais extremos, solicitar um acompanhamento. Por outro lado, a intervenção pedagógica é importante para que a criança se socialize com outras crianças, desenvolva os aspectos cognitivos, motores, bem como a linguagem e a comunicação social, eixos trabalhados na primeira etapa da educação básica e que contribuem para o desenvolvimento integral da criança.

Convém ressaltar que a cura para o autismo ainda não foi encontrada. Entretanto, as intervenções psicossociais podem contribuir para a “redução das dificuldades de comunicação e comportamento social, com impacto positivo no bem-estar e qualidade de vida da pessoa” (OPAS, 2018, p. 01).

2.3 A CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Há no meio educacional a premissa de fazer um trabalho que resulte em uma “educação de qualidade”. Existe também a ideia de realizar um trabalho abrangente que permita o acesso de todos a uma educação de qualidade, incluindo alguns setores que estão à mercê desse processo. Neste estudo, de modo especial, faz-se referência ao que se convencionou denominar Pessoa com Deficiência (PcD).

De acordo com Schmidt (2013), ao confirmar a importância da intervenção precoce, em 1980, a legislação americana estabeleceu a inclusão na educação como forma de intervenção para crianças com diagnósticos de autismo.

Diante do exposto, diversas escolas públicas americanas criaram classes especiais para atender as crianças com diagnósticos de autismo mais extremos, e integraram as demais crianças autistas, com níveis mais leves, às classes regulares de ensino.

Segundo Schmidt (2013), as escolas no Brasil também passaram a propor ações educacionais de integração de pessoas autistas e, até mesmo, com outros

tipos de deficiências. Assim, em 2007, ficou definido que as escolas deveriam se organizar “[...] para oferecer propostas adequadas à aprendizagem de crianças com autismo/transtorno globais do desenvolvimento” (SCHMIDT, 2013, p. 41).

No entanto, cabe destacar que um documento importante para a inclusão das pessoas com deficiência na Educação Infantil foi publicado em 2000, denominado Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Esse documento contém estratégias e orientações para o desenvolvimento da Educação Infantil com crianças que apresentassem necessidades especiais. O RCNEI publicado em 2000 veio para suprir a lacuna deixada pelo elaborado no ano de 1998, que não fazia referência às diferenças individuais de cada criança e cujo foco era direcionado para o desenvolvimento normal da criança, o que foi alvo de diversas críticas, como apontado por Pereira (2019).

A Educação Infantil somente passou a valorizar a criança autista com a Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Na proposta dessa resolução, o trabalho na educação infantil deve contemplar propostas pedagógicas que garantam os processos de aprimoramento e articulação do conhecimento e da aprendizagem, em formas diferentes de linguagem. E também assegurar a “[...] acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos e instruções para as crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação” (BRASIL, 2009, p. 3), para que estas possam ter acesso ao ensino e aprendizagem e esse processo deve ser contributivo e indispensável para o desenvolvimento social da criança autista.

Garantir a criança autista o acesso à Educação Infantil contribui para seu processo de desenvolvimento, pois estimula a interação social, permite novas experiências, auxilia nos processos de ensino e aprendizagem, no desenvolvimento dos aspectos cognitivos, e na aquisição da linguagem.

Nesse sentido, inserir a criança autista no ambiente escolar denota um passo importante na direção da criança, que terá a oportunidade de desenvolver suas potencialidades e o convívio social, corroborando para que ela consiga ao decorrer do seu percurso educativo desenvolver habilidades que minimizem a dependência intrínseca ao autismo.

Embora Martins, Preussler e Zavaschi (2002) afirmem que o autismo é um transtorno de duração permanente, fazendo com que as pessoas com diagnóstico de autismo sejam dependentes, por não obter a autonomia necessária para seu

desenvolvimento, destacam que o papel do processo educacional é justamente trabalhar o desenvolvimento da criança desde cedo. Desse modo, a intervenção escolar é uma forma de trabalhar com as crianças para que elas estimulem o pensar, o agir, adquirindo habilidades e auxiliando em seu desenvolvimento.

Nesse contexto, o educador tem um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem da criança autista. Quanto mais o educador souber sobre o autismo e suas características, tornará mais fácil o processo de aprendizagem do aluno, pois vai auxiliar na formulação de estratégias e atividades que atendam as especificidades do aluno autista.

Tudo isso envolve também a presença de profissionais treinados e qualificados, bem como o ambiente da educação especial. Nessa perspectiva, Pereira (2019) ressalta a importância de o educador ter conhecimentos significativos sobre o autismo, mas sobrepõe que o mais importante é o educador construir um bom relacionamento com a criança, ouvindo-o e estimulando a se expressar. Por meio dessa interação conseguirá elaborar atividades que estimulem um ensino e uma aprendizagem e contemplem suas características.

Importa frisar que essa responsabilidade não recai única e exclusivamente sobre o profissional da educação. O tratamento é feito por meio de uma equipe multidisciplinar, envolvendo profissionais da área da saúde, entre eles, médicos (psiquiatras, neurologistas), fisioterapeutas, fonoaudiólogos, psicólogos.

Cada profissional tem um papel imprescindível para auxiliar o aluno autista nas etapas de desenvolvimento, especialmente, da linguagem, da comunicação e da interação social. Isso porque “[...] os transtornos invasivos do desenvolvimento são muitas vezes reconhecidos por causa de um padrão de desenvolvimento de linguagem mais lento ou diferente das demais crianças” (SCHEUR, 2002, p. 56). Assim, as crianças tendem a apresentar um padrão de desenvolvimento da linguagem diferente das demais crianças.

Convém reiterar que a atuação do profissional da educação é, justamente, contribuir com atividades pedagógicas que viabilizem o desenvolvimento da criança em seus aspectos cognitivos, motor, sensorial, intelectual, bem como na interação social e no desenvolvimento da linguagem e aprendizagem.

Ademais, de acordo com Schmidt (2013), com base no diagnóstico de autismo da criança, é possível estabelecer uma customização do aprendizado. Para

o autor, cada “[...] criança com autismo deve ser ensinada de modo diferente. É importante identificar qual é o foco de interesse de cada criança em particular, pois ele pode ser o único canal entre o educador e o educando, em se tratando de autismo” (SCHMIDT, 2013, p. 31).

Segundo Baptista e Bosa (2002 p. 147), ao acompanhar um aluno autista na Escola de Ensino Fundamental Jean Piaget, usando um nome fictício, observaram que:

Giovane parecia perdido e isolado na sala de aula e na escola, praticamente não falava, imitava sons que mais se parecia grunhidos, gritava durante a aula e ficava fazendo ã ã ã ã ã sem parar ... demonstrava ausência de limites... no refeitório da escola comia vorazmente e, às vezes, com as mãos. Costumava permanecer muito tempo junto à janela da sala, observando os veículos que passavam. Dirigia um ônibus imaginário, imitando todos os seus ruídos e deslocando-se pela sala, o que perturbava muito a aula (BAPTISTA, BOSA, 2002, p. 147).

É fundamental saber que a linguagem de alguns autistas não se restringe a fala, esta é apenas uma de suas formas de expressão. Do mesmo modo, é possível ocorrer comunicação sem o uso da fala, assim como o inverso, a fala pode estar presente, mas não necessariamente para fins de comunicação. Não se pode esquecer que eles vivem em um mundo imaginário que constroem para si mesmos, não conseguem compartilhar as brincadeiras e nem percebem a existência do outro, o que resulta em um isolamento social.

Diante dessa realidade, não adianta o professor querer impor limites, isso somente pioraria o quadro, deixando-o contraído e até agressivo. Em certos, casos a criança tentará sair de dentro da sala de atividade em uma tentativa de fuga e resistência. É preciso acreditar que, antes de tudo, são pessoas iguais a todo mundo e, ao mesmo tempo, tão peculiar em sua forma de ser “aproximamos da igualdade à medida que reconhecemos as diferenças e fazemos dessas um meio de transformação e não um fim” (MELLO, 2003 p. 17).

De acordo com Coutinho (2005), quando o autismo é descoberto logo cedo e o tratamento é iniciado de imediato, não só a linguagem e o quociente de inteligência se elevam, mas sim, todo o seu desenvolvimento.

Assim, o ensino na Educação Infantil é uma das mais importantes fases para auxiliar uma criança autista em seu desenvolvimento (MELLO, 2003, p. 18). Em outras palavras, a contribuição do educador para uma criança autista está muito

além do âmbito das matérias acadêmicas; é preciso promover o aprendizado de coisas que outras crianças costumam aprender mais facilmente, ou seja, o educador não vai exercer apenas o papel de facilitador do aprendizado, ele também tem a função de ensinar coisas rotineiras do dia a dia. Essas coisas rotineiras, para crianças autistas podem ser mais complexas, como, por exemplo, as brincadeiras com as outras crianças, a interação social, sendo que, primeiramente, deve ser trabalhada a aproximação e a confiança da criança para, posteriormente, trabalhar a aprendizagem.

É importante compreender as características peculiares de cada criança, para que esse processo de ensino e aprendizagem obtenha progresso e, conseqüentemente, o desenvolvimento integral da criança.

Em consonância, Schmidt (2013, p. 16) descreve que os indivíduos com autismo “[...] apresentam déficit em funções executivas que envolvem principalmente o planejamento e a flexibilidade mental”. Dessa forma, o planejamento das atividades pedagógicas a serem desenvolvidas com a criança autista se torna uma operação mental complexa e dinâmica, ou seja, as ações precisam ser introduzidas aos poucos e serem monitoradas por um profissional, nesse caso, o educador.

Também é preciso planejar ações de curto prazo, enfrentando um pequeno desafio de cada vez, analisando o resultado de cada passo, dimensionando uma possível estratégia, recuando um pouco quando necessário e avançando mais no que for possível. Além disso, como em muitas outras coisas, deve-se evitar a ansiedade e o exagero de expectativas.

Um estudo realizado por Boutot e Bryant (2005) constatou que crianças autistas que frequentam classes regulares mostram uma melhora significativa em seus quadros clínicos. Conseqüentemente, a inclusão dessas crianças no ambiente escolar permite que elas tenham contato com outras crianças da mesma idade, aprendendo coisas novas e se desenvolvendo socialmente.

Em consonância, para Schmidt (2013, p. 19), a intervenção escolar estimula a capacidade interativa da criança, “impedindo o isolamento contínuo”. Contudo, defende-se o fato de que a convivência das crianças autistas na escola estimula contatos sociais, favorecendo não apenas o seu desenvolvimento cognitivo, mas o desenvolvimento como um todo, pois na convivência com outras crianças, autistas

ou não, elas aprendem a lidar com as diferenças, respeitando sempre uns aos outros.

2.4 EDUCAÇÃO INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA CRIANÇA

A Educação Infantil passou por diversas transformações ao decorrer dos anos, sendo que até o século XVII, o período da infância era ignorado pela sociedade. De acordo com Philippe Ariès, a criança era considerada um adulto em miniatura, e somente no século XX passou a ser vista e ser tratada como criança (ARIÈS, 1986).

Fuly e Veiga (2012) afirmam que o sentimento de infância naquela época ainda não era estabelecido, sendo caracterizado como um período de transição, que logo passaria. Durante aquele período as crianças eram tratadas como adulto, sem nenhuma diferenciação.

O ensino infantil originou-se durante a Revolução Industrial. Com a inclusão do trabalho das mulheres nas indústrias, era preciso que alguém cuidasse dos seus filhos. Nesse momento surgiu a necessidade de criar creches como uma forma assistencialista, cujo objetivo era apenas cuidar das crianças para que seus pais trabalhassem (OLIVEIRA, MIGUEL, 2012).

Contudo, o conceito de educação infantil tem se modificado ao longo dos anos e, atualmente, retornaram ideias que foram propostas por teóricos do século XIX e XX, que defendiam a “inserção das crianças nas brincadeiras, nos materiais pedagógicos e nos “treinos” de habilidades e funções específicas” (WAJSKOP, 1995, p. 64).

O modo de enxergar a criança no século XVII foi reformulado no período do capitalismo, no qual ela era designada a estudar em instituições de Educação Infantil, vista como um grande brinquedo educativo.

A Educação Infantil tem surgido, a partir de uma visão neoliberal, como um nível de escolaridade que merece atenção especial tendo em vista o potencial econômico que a *qualidade do atendimento*, bem controlada por sistemas de avaliação capitaneados por organizações não governamentais, de investimento social privado, pode agregar (BISSOLI, 2014, p. 831).

Segundo Wajskop (1995, p. 64), os estudos realizados no campo da Psicologia foram fatores que para a “afirmação da infância como período primordial do desenvolvimento do ser humano, enfatizando o papel da brincadeira na educação infantil”.

O ensino infantil, por sua vez, somente foi considerado uma etapa da educação básica posterior à Constituição Federal de 1988, com a Lei de Diretrizes e Bases Nacional de Educação (LDB). Durante a década de 1980, a expressão educação pré-escolar elencava o “[...] entendimento de que a Educação Infantil era uma etapa anterior, independente e preparatória para a escolarização, que só teria seu começo no Ensino Fundamental. Situava-se, portanto, fora da educação formal” (BRASIL, 2020, p. 35).

Com a Constituição Federal de 1988, o atendimento nas creches e pré-escolar tornou-se dever do Estado, e com a LDB, a “Educação Infantil passa a ser parte integrante da Educação Básica” (BRASIL, 2020, p. 35).

Nos dias atuais, a Educação Infantil exerce um papel importante e fundamental para a formação e o desenvolvimento da criança. É considerada como o meio no qual a criança passa a maior parte do seu tempo e convive com pessoas diferentes, e isso possibilita aos educadores desenvolver tarefas educativas, coletivas, visando à construção efetiva da linguagem, do desenvolvimento educativo e social da criança.

Na visão de Silva e Bouffleur (2017, p. 7), a mudança do “pensamento da sociedade sobre a criança foi o fator que deu uma nova visão para o desenvolvimento pedagógico”. Diante dessas mudanças, inúmeras práticas de ensino estão sendo implantadas nas escolas, agregando aos modelos pedagógicos jogos e atividades lúdicas como forma de aprendizagem da criança. Rolim, Guerra e Tassigny (2008, p. 176) “afirmam que esses modelos pedagógicos devem estar em constante atualização, pois reforçam o aprendizado e ativam a criatividade das crianças.”

Henrique e Souza (2014) destacam que:

[...] as atividades lúdicas quando utilizadas como instrumento didático pedagógico para o aprendizado da criança instigam e desenvolvem a criança, facilitando o processo de ensino aprendizagem, o desenvolvimento da comunicação e fortalecimento das relações [...] (HENRIQUE, SOUZA, 2014, p. 1).

A utilização de novos modelos pedagógicos, seja por meio de jogos ou atividades, contribui para o desenvolvimento e aprendizado da criança com características normais. Além disso, considerando as dificuldades de uma criança autista para se desenvolver e aprender em sua totalidade em comparação com uma criança sem o transtorno, a Educação Infantil precisa adotar práticas pedagógicas diferenciadas, capazes de chamar a atenção da criança autista para o desenvolvimento das atividades propostas.

De acordo com Cruz (2013, p. 95), “cabe às escolas reconhecerem as necessidades da criança autista e selecionar as atividades adequadas às suas necessidades, visando estabelecer um equilíbrio pessoal e, fomentar o bem-estar emocional da criança”, “[...] aproximando-as do mundo, promovendo relações interpessoais significativas [...]” (CRUZ, 2013, p. 95). Dessa forma, modelos educacionais que incentivem a criança a adquirir competências, como a interação social, a comunicação e a linguagem, são fundamentais para que o desenvolvimento da criança na Educação Infantil.

Segundo Dias (2019), a inserção da criança autista na Educação Infantil favorece o seu desenvolvimento social e também os aspectos cognitivos, motor e físico da criança, estabelecendo condições para que a criança alcance habilidades que ainda não foram desenvolvidas, bem como contribuem em seu processo de ensino e aprendizagem.

No contexto da interação social, em um estudo de caso realizado por Chicon et al. (2019) com 17 crianças com necessidades especiais de uma comunidade de Vitória/ES, ficou evidente que a inclusão de brincadeiras como práticas de ensino contribuiu muito para o desenvolvimento da criança. Também despertou na criança um interesse em permanecer na atividade por mais tempo, de olhar o que as outras crianças estavam fazendo e de bater palmas em momento de música.

Outro estudo de caso, realizado por Teixeira e Ganda (2019) durante os anos de 2017 e 2018, permitiu observar, por meio do método de aprendizagem TEACH, que a criança autista, inserida na classe regular, tornou-se mais sociável ao final da pesquisa, interagindo com outras pessoas.

Esses resultados foram contemplados em estudos por Vigotski (2018) como parte do processo de aprendizagem que contribui para o desenvolvimento de funções psicológicas superiores da criança, como a linguagem, a atenção voluntária, o uso da imaginação, e a interação social.

Na teoria de Vigotski (PRESTES, 2012), o processo de aprendizagem (ou estágio de desenvolvimento) de uma criança com necessidades especiais na Educação Infantil inicia-se com o impulso em seu desenvolvimento social e sua interação com outras pessoas e crianças da mesma idade. Nesse sentido, a inserção de práticas pedagógicas diferenciadas, como atividades lúdicas, o brincar, e atividades que adequadas às realidades das crianças desempenham um papel relevante para o desenvolvimento infantil da criança nos aspectos sociais, cognitivos, motor e afetivo. Nessa perspectiva, esse é o ponto principal desta pesquisa, isso é, o de evidenciar como a Educação Infantil contribui para o desenvolvimento social da criança.

3 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos evidenciados nesta pesquisa têm a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, aceito em 3 de julho de 2020, conforme disposto no anexo A.

Desse modo, essa pesquisa configura-se como um estudo de caso que, de acordo com Yin (2001, p. 21) “contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos”.

A escolha pelo estudo de caso é o mais adequado para esta pesquisa, visto que será feita uma investigação empírica a respeito de fenômenos contemporâneos em seu contexto real. Em outras palavras, é o tipo de pesquisa adequada para investigar como a Educação Infantil contribui para o desenvolvimento de uma criança autista, analisando o contexto real de uma criança diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista. Considera-se, esta pesquisa, em tese, um estudo de caso, pois visa examinar um acontecimento contemporâneo em que não se podem manipular os comportamentos relevantes.

Constitui-se também como estudo de caso por se tratar de uma estratégia que aborda a forma da questão de pesquisa “como” ou “por quê?” os fenômenos de interesse podem ocorrer, defendidos por Yin (2001, p. 25) como questões que “[...] lidam com ligações operacionais que necessitam serem traçadas ao longo do tempo, em vez de serem encaradas como meras repetições ou incidências”.

3.1 SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa foi aplicada a uma criança autista, com apenas três anos de idade que vive com seus pais na cidade de Presidente Kennedy, e foi diagnosticado com autismo com 1 ano e 6 meses de idade, foi tratado nesta pesquisa por nome de João.

Ao iniciar a pesquisa e observá-lo como educadora da instituição, pôde-se perceber que João é uma criança que não demonstra interesse na realização de atividades ou brincadeiras em grupos, prefere ficar sempre isolado, prestando atenção apenas nos desenhos animados de sua preferência.

É uma criança que não tem um bom desenvolvimento social com as outras crianças da sua idade, que se exclui do convívio com as demais crianças, sendo esta uma característica afetada pelo autismo. De acordo com Kanner (1943), pessoas diagnosticadas com autismo demonstram reações empáticas quanto às relações afetivas com outras pessoas, oriundas da falta de sensibilidade social.

Para contribuir com o desenvolvimento da pesquisa, também foram incluídos como sujeitos da pesquisa os pais da criança, em específico, a mãe do aluno autista. Ela foi a responsável por desenvolver as atividades com o João, considerando a situação de emergência em saúde pública que impedem a aplicação das atividades presencialmente.

A mãe da criança também contribuiu para esta pesquisa ao responder alguns questionamentos por meio de uma entrevista, cuja finalidade foi obter uma compreensão melhor sobre como identificou os primeiros sinais de autismo na criança, bem como as características peculiares do João e a opinião dela referente à inserção da criança no âmbito escolar.

Segundo a mãe, João e a família moram no bairro da instituição que estuda, seu pai trabalha como vigilante, ela é dona de casa cuida dos filhos, o irmão mais velho de João tem 10 anos e o caçula tem 3 meses. De acordo com as informações da mãe o João não mantém contato com nenhum outro familiar, a não ser com a avó materna que sempre o ajuda nos momentos de crise, sendo como uma segunda mãe para o João. Em casa, a mãe relata que o filho é rotineiro, organizado e que possui audição aguçada, ouve os mínimos barulhos. Devido a isso, muitos barulhos e tumultos o deixam mais agitado e quando há alguma discussão em casa, então, é motivo para ele desencadear uma crise.

Também foi sujeito da pesquisa a professora da criança, que contribuiu para compreender melhor o comportamento do João na sala de atividades, e sua forma de comunicação com as outras crianças. E também seu conhecimento acerca do transtorno do espectro autista e as atividades utilizadas por ela para inserir a criança nas atividades em grupo.

A professora do João trabalha no ensino de Educação Infantil no município de Presidente Kennedy a mais de 25 anos possui muita experiência nas séries iniciais. Segundo ela sempre tem um aluno com necessidades especiais em uma das suas turmas, e que esta disposta a proporcionar atividades adequadas para esse aluno de acordo com suas características, ajudando-o a superar suas limitações.

É relevante citar que para descrever o sujeito principal deste estudo de caso foi adotado um nome fictício, visando resguardar a identidade do participante. Os responsáveis pelo menor assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Responsável Legal (ANEXO D), autorizando a participação da criança nesta pesquisa e concordando com os riscos e os benefícios apontados.

3.2 AMBIENTE DA PESQUISA

O ambiente deste estudo de caso foi uma escola de Educação Infantil comum (Figura 1), denominada Centro Municipal de Educação Infantil “Menino Jesus”, localizada na cidade de Presidente Kennedy, sul do Espírito Santo, que tem, aproximadamente, 252 alunos, com idade entre 0 a 4 anos de idade.

Para realizar o estudo de caso no CMEI “Menino Jesus” foi elaborado um Termo de Autorização da Instituição Coparticipante (ANEXO B), encaminhado à direção da escola, e o Termo de Autorização da Secretaria Coparticipante (ANEXO C), direcionado à Secretaria Municipal de Educação do Município de Presidente Kennedy, responsável pelas unidades de ensino municipal. Ambos os termos foram devidamente assinados pelos responsáveis das instituições, consentindo, assim, com o desenvolvimento do estudo de caso no CMEI “Menino Jesus”.

Figura 1 – Centro Municipal de Educação Infantil “Menino Jesus”



Fonte: Arquivo do pesquisador (2020)

Embora a instituição tenha duas crianças com necessidades especiais matriculadas em seu quadro de alunos, o centro municipal de Educação Infantil não tem uma sala para atendimento educacional especializado (AEE).

Convém destacar que o atendimento educacional especializado é uma Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação inclusiva, que objetiva incluir a criança com necessidades especiais no ambiente escolar, garantindo o direito de acesso ao ensino infantil até o superior (DIAS, 2019).

Contudo, a criança autista, sujeito desta pesquisa, estuda em uma sala de atividades comum (Figura 2), juntamente com 18 crianças, que dividem o espaço para aprendizagem e brincadeiras.

Figura 2 – Sala do Maternal 1A



Fonte: Arquivo do pesquisador (2020)

Como não há professor de atendimento educacional especializado, o professor da classe busca diversificar as atividades, a fim de levar o aprendizado ao aluno autista e às demais crianças.

3.3 ETAPAS DO ESTUDO DE CASO

O estudo de caso foi desenvolvido nas seguintes etapas, descritas por Yin (2001) e que delinearão esta pesquisa: a formulação do problema, a definição da unidade de análise, a determinação do número de caso, os instrumentos de produção de dados, a análise e interpretação dos dados, e o registro dos resultados da análise, em forma de relatório.

3.3.1 Formulação do problema

Esta primeira etapa compreende o delineamento da pesquisa por meio de uma questão a ser resolvida. Assim sendo, a questão principal do caso foi definida baseada na experiência profissional da pesquisadora que, ao longo dos vinte anos como educadora infantil, percebeu a carência do ensino para as crianças com necessidades especiais.

Embora existam regulamentos e legislações que estabelecem a inserção das crianças com deficiência na Educação Infantil, muitas vezes ocorre à inserção, mas não ocorre a inclusão. A criança é posta em sala de atividade junto com as outras crianças, mas apresenta dificuldades na interação, na realização das atividades, isso porque muitos professores não receberam a capacitação necessária para trabalhar com crianças com deficiência. Inclusive, a pesquisadora já constatou esse fato por experiência própria, pois encontrou dificuldades em trabalhar com crianças especiais, visto que não a capacitação e a orientação necessária e, mesmo assim, precisou lecionar em uma sala de aula com 30 crianças e dar a atenção necessária à criança com necessidades especiais.

Essa realidade despertou o interesse em compreender melhor o trabalho de uma educadora com crianças especiais, bem como buscar estratégias mediante práticas pedagógicas que pudessem, de fato, incluir a criança com necessidades especiais em sala de atividade. Assim, em 2010, esta pesquisadora iniciou uma pós-graduação em Educação Especial e, com base em seu aprendizado, começou a pesquisar mais detalhadamente a deficiência de cada criança em seu respectivo ano letivo.

Além disso, logo no início do curso de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação, em 2019, esta pesquisadora também começou o ano letivo no CMEI “Menino Jesus”, sendo educadora de uma criança com autismo, o que contribuiu para que trabalhasse o problema de pesquisa com mais acuidade e buscasse

solucionar a seguinte problemática: como a Educação Infantil pode contribuir para o desenvolvimento social da criança autista?

Dado o problema principal desta pesquisa, buscou-se por meio do estudo de caso analisar como a Educação Infantil contribui para o desenvolvimento infantil da criança autista de um Centro Municipal de Educação Infantil, localizado na cidade de Presidente Kennedy/ES.

3.3.2 Definição da unidade de análise

A unidade de análise está relacionada diretamente ao problema de pesquisa, sendo considerado o fenômeno a ser estudado. Nesse sentido, a definição da unidade de análise desta pesquisa originou-se da experiência profissional da pesquisadora que, como abordado anteriormente, começou a lecionar para uma criança autista no CMEI “Menino Jesus”.

Convém esclarecer que, logo que a criança ingressou na escola, ainda não havia um diagnóstico de autismo, mas como educadora notei que a criança não interagia com as outras crianças, ficava sempre isolado, dando atenção apenas aos brinquedos musicais.

No entanto, após transcorrido um tempo, a mãe da criança obteve o diagnóstico de autismo e procurou esta educadora para informá-la e compreender melhor sobre como o seu filho se comportava em sala de atividade e suas limitações.

Assim, foi com base nessa experiência profissional que se definiu o aluno João do CMEI “Menino Jesus” como unidade de análise, corroborando para que a pesquisadora tivesse a oportunidade de desenvolver atividades pedagógicas com a criança autista. O objetivo foi evidenciar de que forma a educação infantil contribui para o desenvolvimento da criança autista e se a adaptação ou a escolha das atividades colabora de alguma forma, com o seu desenvolvimento social.

3.3.3 Determinação do número de caso

A determinação do número de caso é apresentada nesta pesquisa como estudo de caso único que, segundo Yin (2001), representa um caso raro ou extremo.

Pesquisas como a análise de uma lesão ou um distúrbio, por exemplo, são consideradas estudo de caso único.

Desse modo, o estudo de caso único é o procedimento metodológico mais condizente com esta pesquisa, visto que desenvolverá um estudo com uma criança com diagnóstico de autismo, considerado um transtorno do espectro autista. E esse transtorno inibe o desenvolvimento de algumas capacidades da criança, como a comunicação e a interação social, o desenvolvimento da linguagem, os sentidos cognitivos e o motor, e o desenvolvimento intelectual.

Assim, no decorrer do estudo de caso foram aplicadas algumas atividades pedagógicas a criança autista, elaboradas por esta pesquisadora, a fim de identificar como ele iria se comportar e se desenvolver no período de aplicação das atividades, e analisando minuciosamente a contribuição da educação infantil no desenvolvimento da criança autista.

De acordo com Yin (2001), um estudo de caso único pode ser classificado como holístico ou incorporado. Neste caso em específico, trata-se de um estudo de caso único holístico, em que será analisada uma única unidade de análise, que é o desenvolvimento social de uma criança autista mediante a introdução dela na Educação Infantil.

3.3.4 Instrumentos de produções de dados

Em relação aos instrumentos de análises de dados, primeiramente, foi conduzida uma entrevista com os pais da criança (APÊNDICE B), a fim de obter informações a respeito do dia a dia da criança, da relação dela no âmbito familiar, bem como as dificuldades observadas pelos pais referentes ao desenvolvimento social da criança.

A professora da criança autista também participou de uma entrevista (APÊNDICE B), cuja finalidade foi entender o desenvolvimento da criança em sala de atividade, verificando a percepção dela sobre a interação da criança com as outras crianças, bem como seu interesse nas atividades aplicadas em sala de atividade.

A entrevista foi realizada de forma virtual, utilizando aplicativos como Skype ou Whatsapp, que permitem a utilização da câmera para realizar videochamadas.

O modelo de entrevista utilizada neste estudo de caso foi a entrevista estruturada que, na concepção de Yin (2001), embora preliminarmente algumas questões norteadoras para o estudo já estejam definidas, as entrevistas assumem um caráter de conversa informal, mais espontâneas. Assim, a entrevista semiestruturada permite ao pesquisador explorar mais amplamente uma questão, pois dá liberdade ao entrevistador para dirigir a entrevista na direção que considerar adequada.

No segundo momento foram aplicadas algumas atividades pedagógicas previamente selecionadas, visando despertar na criança um interesse em interagir e aprender, contribuindo para o desenvolvimento infantil, sobre os aspectos cognitivos, motor, afetivo e social. Isso porque, segundo Silva (2019, p. 24), “O autismo é concebido como um transtorno invasivo do desenvolvimento [...] em que ocorre uma ruptura nos processos fundamentais de socialização, comunicação e aprendizado”.

As atividades pedagógicas deste estudo de caso foram todas adaptadas para atender as necessidades do João porque ele se desenvolve melhor realizando as tarefas ouvindo músicas. Desse modo, foram adaptadas tendo como base umas apostilas com atividades direcionadas as crianças do berçário e maternal. Na percepção da pesquisadora foi importante trazer essas atividades para o estudo de caso, visto que no decorrer do ano letivo, como educadora da criança João, ela percebeu que a música é algo que chama muito a atenção dele.

Assim sendo, considerando-se o conceito e a classificação do transtorno, atividades que estimulem o pensar e o agir da criança são significativas para o desenvolvimento da comunicação, do aprendizado e da socialização da criança. E entre as atividades pedagógicas selecionadas para aplicar com a criança autista está a Caixa de Músicas (APÊNDICE C), que consiste em desenhos que ilustram cantigas infantis tradicionais. Nessa atividade, o responsável por aplicar a atividade com a criança deve tirar de dentro da caixa as fichas com os desenhos e começar a cantar a música e o animal relacionado a ela, imitando, inclusive, os sons que ele faz.

Essa prática busca trabalhar o pensar da criança, assimilando a figura a um animal e ao som que ele faz. Isso contribui para o desenvolvimento da oralidade da criança e auxilia também o desenvolvimento cognitivo da criança, que abrange aspectos como aprendizagem, conhecimento, conceito, raciocínio, solução de

problemas, percepção, entre outras habilidades que estimulam o desenvolvimento do pensar.

Além dessa atividade, foram trabalhadas outras práticas pedagógicas, como brincando com o espelho (APÊNDICE D), que permite à criança descobrir sua própria imagem refletida no espelho; a brincadeira de pôr e tirar (APÊNDICE E), que contribui para o desenvolvimento sensorial da criança; a bandinha diferente (APÊNDICE G), que estimula os sentidos da criança e a faz descobrir sons diferentes que podem ser produzidos por objetos diferentes; abrindo o álbum de fotos (APÊNDICE K), que estimula a criança a estabelecer uma relação temporal e assimilar as fotografias às pessoas; imitando os animais, que estimula a oralidade da criança; e a caixa de música que, além de estimular a oralidade da criança, contribui para a criação de um repertório musical da criança, entre outras atividades evidenciadas nos apêndices.

Convém destacar que, diante do cenário de pandemia do novo coronavírus, que impôs regras de isolamento social, a fim de reduzir e controlar o índice dos casos confirmados da COVID-19, as aulas no Centro Municipal de Educação Infantil ficaram suspensas, conforme Decreto Municipal n.º 22/2020 e Decreto n.º 42/2020, sem previsão para retorno. E também considerando o Decreto Municipal n.º 47/2020, que enquadra o município como risco alto da emergência de saúde pública (PRESIDENTE KENNEDY, 2020).

Devido a isso, as atividades pedagógicas estabelecidas nesta pesquisa foram aplicadas no âmbito familiar da criança autista, com o consentimento dos responsáveis, e aplicadas pelos próprios responsáveis, sob orientação da pesquisadora.

Em relação às atividades que envolvem materiais a serem desenvolvidos para realizar as práticas pedagógicas, como a Caixa de Músicas, importa destacar que foram elaboradas pela pesquisadora e entregues aos responsáveis da criança, juntamente com a orientação de cada atividade, tomando os devidos cuidados em meio à pandemia do corona vírus.

Dessa forma, as atividades seriam gravadas pelos pais da criança e encaminhadas diariamente à pesquisadora e professora do aluno via Whatsapp, que analisaria os registros diários da criança conforme a atividade aplicada e registraria em diário de campo. Nesse sentido, a técnica de produção de dados utilizada foi a observação que, de acordo com Yin (2001), contribui para o fornecimento de

informações adicionais sobre o fenômeno estudado, levando em consideração não apenas o que está sendo dito pelos sujeitos, mas sim o comportamento apresentado por cada um.

3.3.5 Análises e interpretações dos dados

A última etapa desta pesquisa compreendeu a análises e interpretações dos resultados obtidos, o qual deve ressaltar as características da criança e as atividades que mais despertaram seu interesse e seu desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social da criança, conforme relatos da observação direta.

Para constituir a etapa da análise dos dados utilizou a técnica de construção da explanação, apontada por Yin (2001) como um procedimento que objetiva em explicar sobre a ocorrência do fenômeno, apresentar o conjunto de elos causais que se relacionam ao fenômeno estudado.

A análise de dados sobre a técnica da construção da explanação traz para o estudo de caso uma abordagem explanatória sobre os procedimentos elaborados no decorrer da pesquisa, como a utilização das práticas pedagógicas com a criança autista, explicando como que as atividades contribuíram ou não para seu desenvolvimento social.

Essa técnica permitiu fazer uma explanação mais detalhada do processo de aplicação das atividades e do resultado obtido com a adoção dessa prática pedagógica ao final do período do estudo de caso. Dessa forma, os dados da pesquisa foram analisados compreendendo suas variáveis, ou seja, verificando a efetividade das práticas da Educação Infantil no desenvolvimento de uma criança autista.

APRESENTAÇÕES E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo mostra os resultados obtidos com o estudo de caso, que serão abordados de forma detalhada considerando-se o instrumento de produção de dados. Assim, inicialmente, serão relatados os resultados alcançados por meio da aplicação da entrevista com a mãe da criança autista, trazendo a percepção da família sobre as especificidades da criança, no que tange ao seu comportamento, as suas limitações e ao seu desenvolvimento.

Em seguida foram apresentados os resultados obtidos na entrevista com o professor da criança autista, explanando sua concepção sobre o autismo e suas observações quanto ao desenvolvimento da criança dentro do ambiente escolar. A finalidade foi compreender como a criança se desenvolve dentro da sala de aula, se demonstra boa aceitação das atividades, bem como o interesse em se socializar com as outras crianças.

E, na conclusão dessa análise, foram apresentados os resultados obtidos com o estudo de caso por meio da aplicação de atividades pedagógicas, trazendo a observação da pesquisadora referente ao desenvolvimento da criança durante a aplicação das atividades.

4.1 ENTREVISTA COM A MÃE

A entrevista com a mãe trouxe uma abordagem sobre o olhar da família da criança autista referente ao transtorno do espectro autista e as implicações desse transtorno para a criança, abordando as características específicas do autismo que afetam seu desenvolvimento, tratada nesta pesquisa pelo nome fictício de João.

Assim, inicialmente, à mãe do João foi questionada em relação ao seu conceito sobre o autismo. Ela respondeu que o:

[...] autismo é um transtorno neurológico que é que causa o comprometimento na comunicação e socialização envolvendo comportamento restrito e repetitivo na criança.¹

¹ Sempre que o texto for apresentado com recuo 4cm, fonte 12, itálico, espaçamento 1,5 e justificado à direita, trata-se da fala de um dos sujeitos da pesquisa.

Observa-se que a mãe possui uma compreensão concreta e real a respeito do autismo, entendendo que se trata de um transtorno que afeta o desenvolvimento neurológico do indivíduo, comprometendo, desse modo, o desenvolvimento da linguagem, da interação social e os aspectos cognitivos. Essa ideia está em consonância a teoria de Kanner (1943), que conceitua o autismo como uma incapacidade inata, que afeta o desenvolvimento da linguagem e o comportamental, além de corroborar com o pensamento de Pinto et al. (2016) e da OPAS (2018), que conceituam o autismo como um transtorno de neurodesenvolvimento.

Ao perguntar para a mãe sobre como João reage às mudanças de rotina e ambiente, ela explicou que:

[...] ele tem resistência em aceitar as mudanças, e às vezes tem comportamentos repetitivos, demonstra tristeza e insatisfação ficando agitado e irritado.

Silva, Gaiato e Reveles (2012) explicam que o autismo implica em disfunções comportamentais que, assim como a interação social e a linguagem, apresenta um espectro de gravidade, sendo divididos em categorias. Os comportamentos disruptivos cognitivos são os que representam as disfunções comportamentais que envolvem a resistência à mudança de rotina, sendo conceituado pelos autores como “Uma aderência rígida a alguma regra ou necessidade de ter as coisas somente por tê-las” (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012, p. 18).

Segundo os autores, essa dificuldade em aderir à mudança de rotinas faz parte do estudo da neuropsicologia, que retrata a dificuldade dos autistas em se desenvolver na área cognitiva de funções executivas. Para os autores:

Essas funções são um conjunto de processos neurológicos que permitem que a pessoa planeje coisas, inicie uma tarefa, se controle para continuar na tarefa, tenha atenção e, finalmente, resolva o problema. Crianças com dificuldades na função executiva podem ser resistentes à mudança de rotinas, tendem a usar a memória daquilo que já fizeram ao invés de planejar novas ações (SILVA, GAIATO, REVELES 2012, p. 19).

Do ponto de vista da neuropsicologia, os autistas traçam um planejamento, uma rotina para eles, que na cabeça deles devem ser seguidas sem qualquer tipo de alterações ou mudanças, compreendendo, desse modo, o que é denominado como

padrões restritos e repetitivos de comportamento. Assim, o comportamento do João não é específico dele, e sim uma característica do transtorno do espectro autista na criança, nesse caso, uma habilidade reduzida em mudar o comportamento e/ou sua rotina.

Nesse contexto, ao perguntar à mãe a respeito das características do seu filho e sobre os comportamentos apresentados por ele que em sua opinião diferem do comportamento das outras crianças, ou que é motivado pelo transtorno do espectro autista, ela respondeu que:

É carinhoso, mas, na maioria das vezes, tem reações que são motivadas pelo autismo, tais como: é agitado, não gosta de interagir... Quando escuta gritos ou choro fica irritado e agressivo.

Mãe do João

Esse comportamento apresentado pelo João, agressivo em certos momentos, é característico de pessoas com transtorno do espectro autista que, em muitos casos, ocorrem devido à dificuldade da criança em interpretar os sinais sociais e as intenções das pessoas a sua volta (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012). Essa dificuldade é típica das disfunções da linguagem, apresentada em momentos em que a criança pensa que a situação saiu do controle ou não consegue aceitar algo.

Segundo os autores, nesses casos indica-se a terapia comportamental, que auxiliará a criança a mudar comportamentos inadequados, substituindo-os por comportamentos funcionais. Porém, em alguns casos, como da pesquisa de Silva, Gaiato e Reveles (2012), os pais devem “ignorar” o comportamento da criança, pois em algumas situações, esse comportamento é para chamar a atenção, uma simples “birra”.

Assim, após uma abordagem do comportamento e das características da criança, foi perguntado à mãe quanto ao comportamento do João nos primeiros dias da creche, se ele apresentou algum comportamento diferente após passar a ter contato com outras crianças, e qual o seu desenvolvimento na escola. Ela respondeu que:

No primeiro dia de creche estranhou o ambiente e as pessoas.

*Teve muita dificuldade para se adaptar à nova rotina,
chorava muito.*

*[...] ele já consegue brincar em grupo, compartilhar os
brinquedos e está mais tranquilo, vejo uma melhora
na sua autonomia.*

*Através do seu comportamento diário pude observar algumas
evoluções, como a socialização, interesse pelas brincadeiras
em grupo e, principalmente, na autonomia em relação
as suas vontades e gostos.*

Mãe do João

É perceptível pela fala da mãe que o João, ao iniciar suas atividades na creche, demonstrou certo desconforto quanto ao novo ambiente, corroborando com as disfunções comportamentais apresentadas pelos autistas. No entanto, com a intensificação dessa rotina, ele começou a adaptar seu comportamento, brincando em grupo, compartilhando os brinquedos, despertando o interesse no brincar e no brincar com o outro, desenvolvendo, também, características relativas à autonomia.

Esse interesse do João em brincar sozinho e brincar com o outro faz parte do desenvolvimento das experiências do eu, do outro e do nós, discutidas na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) como fundamental para o desenvolvimento da interação social.

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo em que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio (BRASIL, 2017, p. 40).

Assim, a Educação Infantil tem a responsabilidade de criar oportunidades para que as crianças desenvolvam as habilidades de socialização, sendo indispensável para a socialização de crianças autistas, que têm uma dificuldade

maior comparada às outras crianças. De acordo com o Referencial Nacional Comum Curricular:

O ingresso na instituição de educação infantil pode alargar o universo inicial das crianças, em vista da possibilidade de conviverem com outras crianças e com adultos de origens e hábitos culturais diversos, de aprender novas brincadeiras, de adquirir conhecimentos sobre realidades distantes (BRASIL, 1998, p. 13).

Ao seguir nessa linha da inserção da criança na escola, foi perguntado à mãe se o João tinha preferência por alguma atividade escolar e quais atividades ele mais gostava de fazer na escola. E também quais dessas atividades a mãe entendia que contribuíam para o desenvolvimento dele enquanto autista. Ela respondeu que:

Ele gosta de brincar no parquinho da escola, brincar com bloquinhos de montar e manusear revistas e livros gosta de contação de história com fantoches.

Gosta das brincadeiras que envolvem interatividade, movimentos corporais, coordenação motora, oralidade, entre outras.

Mãe do João

A resposta da mãe permite deduzir que o João gosta de brincar em ambientes abertos, tem interesse por objetos coloridos, como bloquinhos de montar, revistas, fantoches, sendo a cor algo que lhe chama atenção. Essas características compõem o direito de aprendizagem da exploração, em que as cores fazem parte do campo da experiência, possibilitando, nesse sentido, à criança o convívio com diferentes manifestações artísticas, que são consideradas formas de expressão e linguagem (BRASIL, 2017).

Desse modo, as atividades com cores podem ser uma prática pedagógica que contribuirá para o desenvolvimento do João e se tornar, para ele, uma forma de linguagem e expressão. Silva, Gaiato e Reveles (2012) destacam que as cores são utilizadas como forma de linguagem não verbal e podem ser usadas como recursos que auxiliam a fixar o foco das crianças no desenvolvimento das atividades.

Ao perguntar à mãe sobre os comportamentos apresentados pelo João antes de ingressar na escola, comparados aos comportamentos atuais, e se observou alguma melhora comportamental, ela respondeu que:

[...] sim, na questão da socialização e autonomia.

Em complemento, se a Educação Infantil contribuiu para o desenvolvimento do João, a mãe respondeu que:

[...] sim, após a inserção do meu filho na escola, ele obteve uma progressão no desenvolvimento intelectual, afetivo e social.

Mãe do João

As respostas da mãe permitem afirmar que o ingresso do João na Educação Infantil foi fundamental para ele se desenvolver nos aspectos afetivos e sociais, permitindo também, que construísse uma autonomia que lhe possibilitou a socialização e o desenvolvimento afetivo com outras crianças.

De acordo com o Referencial Nacional Comum Curricular, o desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança está ligado diretamente ao processo de socialização. Assim, se a criança desenvolve a autonomia, “[...] definida como a capacidade de se conduzir e tomar decisões por si próprio, levando em conta regras, valores, sua perspectiva pessoal, bem como a perspectiva do outro” (BRASIL, 1998, p. 11), ela desenvolve a interação social, criando laços afetivos com outras crianças, com os pares e com os adultos “[...] para que o reconhecimento do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam valorizadas e aproveitadas para o enriquecimento de si próprias [...]” (BRASIL, 1998, p. 11).

4.2 ENTREVISTA COM O PROFESSOR

A entrevista com a professora do aluno autista abordou o desenvolvimento da criança autista como aluno, em sala de atividade comum. O objetivo foi compreender a percepção da professora sobre a interação do aluno com as outras crianças, bem

como o interesse demonstrado por ele na realização das atividades aplicadas em sala de atividade.

Assim, para iniciar a entrevista, primeiramente, a professora foi questionada sobre o que entendia por autismo. Ela respondeu que se trata de:

[...] um transtorno que a pessoa pode apresentar, em grau variado, e que atinge alguns campos que influenciam a aprendizagem.

Professora do João

Com base no conceito de autismo feito pela professora, convém reforçar que o autismo é um transtorno de neurodesenvolvimento que afeta a capacidade do indivíduo de se relacionar com outras pessoas, apresentando dificuldade no desenvolvimento da linguagem, da comunicação e da socialização (KANNER, 1943). Como consequência, influencia na aprendizagem do indivíduo, pois ele se sente limitado para realizar algumas atividades ou, simplesmente, não demonstra interesse.

Silva, Gaiato e Reveles (2012) reiteram que os autistas têm características de hiperfoco, ou seja, seu interesse e foco são direcionados para interesses especiais, para aquilo que chama a atenção deles.

Diante do que a professora do João entende por autismo, foi perguntado sobre como é a interação do aluno autista em sala de atividade, se havia algum tipo de trabalho/atividade diferenciada para o João, e se sim, qual seria. Ela respondeu que:

A criança apresenta dificuldade em interagir com outras crianças e de comunicação com os outros, ele necessita de material de apoio diferenciado para propiciar a aprendizagem e a organização de rotina.

A rotina da criança não pode ser instável, e alguns materiais apoiam a comunicação para atender as suas necessidades básicas, e tentar integrar os mesmos do conteúdo.

Professora do João

Observa-se na fala da professora algumas características do João, como a dificuldade na socialização e na comunicação com as outras pessoas, inclusive as crianças. Essas características são consideradas parte do diagnóstico de uma criança com autismo, compreendida por Silva, Gaiato e Reveles (2012) como consequência da ineficiência de habilidade social, que são vivenciadas por indivíduos que têm dificuldades para interpretar sinais e as intenções dos outros. Os autores classificam a habilidade social como a área mais prejudicada em um autista.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil enfatiza a importância da interação social para o desenvolvimento de crianças com necessidades especiais. De acordo com o RCNEI, o convívio estabelecido pela criança especial com outras crianças torna-se “[...] benéfico na medida em que representa uma inserção de fato no universo social e favorece o desenvolvimento e a aprendizagem, permitindo a formação de vínculos estimuladores, o confronto com a diferença e o trabalho com a própria dificuldade” (BRASIL, 1998, p. 35).

Ao prosseguir com a entrevista, foi perguntado à professora como o João reagia a determinadas situações ocorridas na sala de atividades (como brigas, obrigações, regras etc.). Ela ressaltou que:

Essa criança demonstra insatisfação ao presenciar esses momentos. Fica nervoso porque muda o ambiente [...] A criança é muito organizado, esses momentos são frustrantes [...] hora fica muito agitado pelo barulho, hora se esconde.

Professora do João

Observa-se que essa reação de João mostrada pela professora vai ao encontro da fala da mãe sobre os comportamentos da criança, característicos do autismo. Ambas responderam que o João sentiu-se insatisfeito com o ambiente, ele ficou nervoso, agitado, principalmente, quando o ambiente encontra-se barulhento.

Essa reação do João é caracterizada como uma disfunção da linguagem. Segundo Silva, Gaiato e Reveles (2012, p. 14), “As pessoas com autismo apresentam grandes dificuldades na capacidade de se comunicar pela linguagem verbal e não verbal e, com isso, permanecem isoladas e distantes em seus mundinhos particulares”.

A reação do João ocorreu porque há dificuldade de se comunicar e, até mesmo, interpretar as situações presenciadas, o que faz com que ele se sinta incapaz, gerando uma angústia para si. Ele não consegue compreender as intenções das pessoas, bem como a situação a sua volta e começa a agir de forma diferente, com agitação, nervosismo e medo em algumas situações.

No que se refere ao relacionamento da criança autista com outras crianças, a professora respondeu que:

A maioria das crianças tem mais facilidade quanto à aceitação e tentativa de interação. Outras ainda acham estranho.

Professora do João

A facilidade descrita pela professora na aceitação das outras crianças e a tentativa de interação é algo benéfico não apenas para o João, mas para as demais crianças também, pois a convivência com outras pessoas permitem a construção de habilidades e competências diferentes. Desse modo, “[...] possuem expressões culturais e marcas sociais próprias, é condição necessária para o desenvolvimento de valores éticos, como a dignidade do ser humano, o respeito ao outro, a igualdade e a equidade e a solidariedade” (BRASIL, 1998, p. 35).

Em relação ao desenvolvimento da aprendizagem do João em sala de atividades, a professora foi questionada se já havia realizado e/ou realiza alguma atividade que desperte o interesse da criança autista, bem como se havia alguma atividade preferida do João. Ela respondeu que:

Sim. Tem a caixa musical que ele gosta muito. E gosta de organizar peças de encaixe.

Professora do João

Diante da constatação da professora, pode-se afirmar que a atividade musical desperta o interesse da criança autista. Nesse sentido está em sintonia com a teoria de Silva, Gaiato e Reveles (2012), que enfatizam que crianças autistas tem preferência pela música, em específico sua melodia, ou seja, não é a letra da música, e sim sua melodia, sua forma de proporcionar emoções à criança.

Para os autores, a música é capaz de proporcionar às crianças autistas uma forma de comunicação, sendo um meio pelo qual elas buscam se expressar e compartilhar sentimentos. Por meio da música as crianças autistas “[...] se sincronizam e captam, em parte, as modulações dos afetos e as sutilezas da complexidade humana (tristeza, alegria, serenidade)” (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012, p. 44).

A música torna-se, assim, uma forma de expressão entre as crianças, principalmente, as que têm necessidades especiais, como as crianças autistas, caracterizada pelo desenvolvimento na forma de linguagem musical. É considerada pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil como um “[...] meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social” (BRASIL, 1998, p. 49).

Dando continuidade, no que se refere a mudanças de rotina na escola, a professora foi questionada sobre como a criança reage, e ela enfatizou que:

*Não gosta, porque na cabeça dele tudo é esquematizado
e cronometrado.*
Professora do João.

Essa característica apresentada pelo João é frequente em crianças autistas, pois a mudança no ambiente traz incerteza, gera agitação, o que pode resultar em reações agressivas pela criança autista. Esse apego à rotina envolve a disfunção comportamental, apresentando, muitas vezes, movimentos estereotipados e repetitivos na sala de atividades. Diante dessa realidade, é importante que as crianças autistas tenham uma rotina estruturada e organizada, em um ambiente com essas características, de forma a proporcionar tranquilidade às crianças e, conseqüentemente, contribuir para o estabelecimento da confiança entre a criança e professor.

Em outra questão, visando uma análise do quadro geral do João, foi perguntado à professora sobre as mudanças no comportamento da criança autista no decorrer do tempo, e se a inserção dele na Educação Infantil contribuiu de alguma forma para o seu desenvolvimento, e se ela poderia citar essas contribuições. Ela disse que:

Sim. Ele demonstrava ser antissocial com todos, mas à medida que se foi trabalhando com ele, socialmente, estava melhorando.

[...]

Sim. Porém as escolas ainda precisam compreender melhor o que é autismo, para ter uma melhor organização pedagógica, e quanto aos recursos e espaços para esses alunos.

[...]

A criança autista precisa estar em grupo, conviver socialmente para superar seus limites [...] trabalhar com criança tentando superar suas necessidades e limites.

Professora do João

Pelo exposto, é possível afirmar que o João, quando iniciou suas atividades na Educação Infantil, tinha dificuldades na socialização, não gostava de ficar próximo a outras pessoas, demonstrava ser antissocial, isolava-se, como evidencia a teoria de Asperger (1944). Tudo isso corroborava de forma negativa para o desenvolvimento da linguagem, da comunicação e da socialização.

Apesar das dificuldades, a inserção de João na Educação Infantil trouxe contribuições para o seu desenvolvimento, proporcionou o convívio com outras crianças, a interação social, a criação de uma confiança entre professor e a criança, que se estabeleceu ao longo do tempo. E, embora ele ainda não tenha uma fala aguçada, pôde-se constatar um avanço no desenvolvimento social da criança com a sua inserção na Educação Infantil.

4.3 ESTUDOS DE CASO: ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

A abordagem adotada neste estudo de caso compreende a construção de um relato acerca do desenvolvimento da criança autista ao utilizar atividades pedagógicas selecionadas com a finalidade de analisar a contribuição da Educação Infantil para o desenvolvimento social da criança autista.

É importante destacar que, para a construção da explanação, deve-se considerar, primeiramente, que o estudo se propõe a observar atividades aplicadas em um cotidiano de vida real. Como Yin (2001) afirma, ao realizar um estudo de

caso, o pesquisador deve considerar que está “[...] entrando no mundo do indivíduo que está sendo estudado, e não o contrário” (YIN, 2001, p. 94). Assim, é preciso fazer uma observação minuciosa de todas as ações, comportamentos, e formas de linguagem utilizadas pela criança autista.

Além disso, considerando que se trata de uma pesquisa empírica com o objetivo de analisar fenômenos sociais da vida real de um aluno autista, Wills (1975) enfatiza a necessidade de não se dissociar a vida pessoal do pesquisador ao objetivo do estudo. Deve-se adotar, principalmente, a perspectiva de um artesão intelectual, analisando as observações com um olhar humano e compreendendo as experiências, as emoções, os sentimentos, os comportamentos, entre outros aspectos, que poderão ser vislumbrados no decorrer da observação e da explicação.

Assim, foram apresentadas as seguintes atividades pedagógicas adaptadas para atender as necessidades do aluno autista. As atividades foram elaboradas com base em uma apostila de atividades direcionadas a alunos do berçário e maternal, com atividades que viabilizam o desenvolvimento social, motor, cognitivo e da linguagem de uma criança na Educação Infantil.

1) Atividade 1 – Caixa Musical

A primeira atividade realizada com o João foi a Caixa Musical, que objetiva favorecer e ampliar o repertório oral e musical da criança por meio de cantigas tradicionais. Essa atividade está associada ao campo das experiências, com ênfase na exploração da cultura, e também da expressividade, das linguagens artísticas e da exploração da linguagem verbal.

A Caixa Musical consiste em uma caixa encapada em EVA, com notas musicais coladas na parte exterior, e a parte interna contém várias fichas musicais. Cada ficha musical corresponde a um animal diferente, que remete a alguma cantiga tradicional. Sua finalidade é fazer com que a criança consiga associar a figura ilustrada na ficha à música cantada.

Figura 3 – A criança realizando atividade da Caixa Musical



Fonte: Elaborada pela autora (2020)

Convém esclarecer que a atividade foi aplicada pela mãe, em casa, respeitando as medidas de isolamento social. Apesar dessa situação, como mostra a Figura 3, João demonstrou muito interesse pela atividade da Caixa Musical. Durante a atividade, ele apreciava as fichas com os animais coloridos, demonstrava euforia ao tirar as fichas de dentro da caixa musical. Assim, ao realizar a atividade, constatou-se que João se sentiu à vontade para realizá-la, o ambiente criado com essa atividade trouxe calma, conforto e alegria para ele.

Durante a atividade, quando a mãe do João retirava a ficha de dentro da caixa e cantava a cantiga referente ao animal ilustrado na ficha, ele tentava imitar o som feito pelo animal, demonstrando, com clareza, a associação entre o animal, à música e o som característico do animal.

Convém destacar que o João ainda está desenvolvendo sua linguagem. Por isso, sua fala não é nítida, mas ao ver a mãe com o microfone cantando, ele tentava

emitir sons como se estivesse conversando com a mãe, expressando sua alegria naquele momento, e “tentando” dizer que conhecia o som emitido pelo animal. De acordo com o RCNEI, essa reação do João ao desenvolver atividades com auxílio da música é característica fundamental para o processo de desenvolvimento da criança. Desse modo, “[...] a música mantém contato estreito e direto com as demais linguagens expressivas (movimento, expressão cênica, artes visuais etc.), e, por outro, torna possível a realização de projetos integrados” (BRASIL, 1998, p. 49).

2) Atividade 2 – Brincando com o espelho

A atividade brincando com o espelho tem como objetivo contribuir para que a criança autista reconheça as pessoas com quem convive e tome conhecimento sobre si mesmo, além de explorar diferentes expressões corporais e faciais, somada aos diferentes gestos.

Essa atividade possibilita à criança autista perceber a própria imagem refletida no espelho, possibilitando a exploração de sua imagem, a produção de gestos, bem como incentiva a criança a realizar movimentos diferentes. Convém destacar que essa atividade pedagógica compreende os campos das experiências que desenvolvem saberes e conhecimentos sobre o corpo, os gestos e os movimentos. Segundo a BNCC:

Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço 41 EDUCAÇÃO INFANTIL e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade (BRASIL, 2017, p. 41).

Assim, durante a realização da atividade com o João, observou-se nele certa resistência ao se olhar no espelho. Para auxiliar a fazer a atividade, a mãe o pegou no colo e começou a cantar a música “Cabeça, ombro, joelho e pé, joelho e pé [...]”, realizando os gestos em consonância com a música. Os gestos executados pela mãe do João despertaram sua atenção e ele pediu para que ela continuasse com os gestos e com a música.

O olhar do João para a mãe realizando os movimentos trouxe uma percepção de que ele compreendia com clareza o que a música estava dizendo. E com o

auxílio da mãe, ele conseguiu fazer os gestos, colocando a mão na cabeça, no joelho, no ombro e no pé. Ao final da atividade o João continuou se olhando no espelho, como se estivesse descobrindo algo novo, mas com certa resistência.

Figura 4 - Criança brincando no espelho



Fonte: Elaborada pela autora (2020)

Segundo o RCNEI, a prática de atividades que impulsionem o desenvolvimento corporal contribui para o desenvolvimento da identidade da criança, pois ela passa a se conhecer e a conhecer suas habilidades corporais. Além disso:

O trabalho com movimento contempla a multiplicidade de funções e manifestações do ato motor, propiciando um amplo desenvolvimento de aspectos específicos da motricidade das crianças, abrangendo uma reflexão acerca das posturas corporais implicadas nas atividades cotidianas, bem como atividades voltadas para a ampliação da cultura corporal de cada criança (BRASIL, 1998, p. 15).

3) Atividade 3 – Brincadeira de pôr e tirar

O objetivo desta atividade é estimular a criatividade e o desenvolvimento linguístico, social e emocional da criança, proporcionando o contato com materiais diversificados que contribuem para o desenvolvimento sensorial da criança.

Para desenvolver esta atividade utilizou-se uma caixa repleta de objetos variados, que são utilizados pelo João em suas brincadeiras, como carrinhos, peças de montar, animais de plástico, tudo com cores diferentes. Essa atividade possibilita a exploração dos objetos e desperta o interesse da criança autista em questionar sobre o que havia na caixa.

Figura 5 - Criança realizando a atividade de pôr e tirar



Fonte: Elaborada pela autora (2020)

Ao ver a caixa com os brinquedos diferentes, a primeira reação do João foi retirar tudo de dentro da caixa. Em seguida, ele selecionava os objetos de seu interesse, observava-os por algum tempo e, depois, colocava separado dos outros, como se ele estivesse selecionando os objetos que ele gostava daqueles que não tinha empatia. Ele fez isso com todos os objetos, além de colocar os objetos em sequência, um do lado do outro.

Esse comportamento apresentado pelo João também foi retratado em uma abordagem de Silva, Gaiato e Reveles (2012), que descrevem as características de crianças com autismo, sendo essa sequência de movimentos, a de colocar os objetos sempre do mesmo jeito, uma disfunção comportamental, caracterizada pela presença de comportamentos motores estereotipados e repetitivos.

Cabe destacar que, durante essa atividade, o João não emitia nenhum som, nem tentava se comunicar com sua mãe, apenas ouvia a música “Mundo Biba” e continuava a colocar os objetos em sequência.

4) Atividade 4 – Brincando no Banho

Esta atividade tem como finalidade desenvolver a experiência de exploração da criança autista, visando proporcionar o desenvolvimento sensório-motor, o reconhecimento corporal e o desenvolvimento da linguagem. Seu objetivo é incentivar a criança a participar do cuidado do seu corpo, promovendo o seu bem-estar, além de estimular a linguagem oral da criança com a prática de cantar durante o banho.

Figura 6 – Criança, ao iniciar a atividade no banho



Fonte: Elaborada pela autora (2020)

Durante a atividade, João demonstrou certa resistência ao chuveiro, pois, segundo a mãe, ele estava acostumado a tomar banho na banheira, e essa mudança de ambiente ainda não é bem compreendida por ele. Contudo, durante o banho a mãe disponibilizou alguns brinquedos e potes vazios de shampoo, para que o João pudesse brincar enquanto se higienizava.

Figura 7 - Criança brincando no banho



Fonte: Elaborada pela autora (2020)

A mãe disse que, durante o banho, costuma cantar músicas para o João, principalmente, as que ele gosta, como “Cabeça, ombro, joelho e pé”, e aproveita para perguntar onde estão as suas mãos, os pés, o cabelo, os olhos e as demais partes do corpo. Assim, conforme as reações do João pode-se afirmar que ele compreende as partes do corpo ditas pela mãe, mas ainda não consegue pronunciá-las.

Segundo a BNCC (2017), essa atividade está diretamente relacionada aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento da criança na Educação Infantil, sendo a exploração dos movimentos, gestos, formas, transformações etc., elementos que contribuem para a ampliação dos saberes da criança.

Ademais, considerando o campo das experiências, em específico do corpo, dos gestos e movimentos, o RCNEI enfatiza a importância da instituição escolar em promover oportunidades que propiciem o desenvolvimento do explorar e da vivência da criança, corroborando para “[...] descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo” (BRASIL, 2017, p. 40).

5) Atividade 5 – Bandinha Diferente

A atividade “Bandinha Diferente” tem como objetivo desenvolver o autodomínio e a autorrealização da criança autista, contribuindo para que ela desenvolva a habilidade de extrair sons de objetos. Essa atividade também estimula a abertura de canais sensoriais, colaborando para o desenvolvimento das expressões e das emoções.

Figura 8 - Criança realizando a atividade Bandinha Diferente



Fonte: Elaborada pela autora (2020)

Ao iniciar a atividade com o João, observou-se o interesse dele em brincar com as panelas e colheres de pau, porém o som obtido ao tocar as panelas o irritava; o som emitido para ele soava como um barulho, perturbando-o. No entanto, no decorrer da atividade, observou-se que ele não tinha mais interesse em tocar os “instrumentos”, mas em colocar as tampas nas panelas e os talheres em sequência, organizando os objetos.

De acordo com Silva, Gaiato e Reveles (2012), a criança autista tem aversão a barulhos altos, sendo também uma característica da disfunção comportamental presente em algumas crianças autistas. Essa aversão ao barulho está ligada à hipersensibilidade, visto que “[...] crianças com autismo apresentam maior

sensibilidade de sentidos e [...] relatam com grande frequência que o toque físico e o barulho podem parecer aversivos” (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012, p. 57)

Devido a essa característica do João, durante toda a atividade ele se concentrou em encaixar as tampas na panela, cada uma de acordo com o seu tamanho. Convém destacar que ele realizou toda a atividade em silêncio e repetiu várias vezes a mesma sequência.

6) Atividade 6 – Comer, Comer

O objetivo da atividade “Comer, comer” consiste em desenvolver aspectos relacionados à alimentação, com a finalidade de estimular a criação de bons hábitos alimentares na criança, além de aprimorar sua autonomia. Ademais, essa atividade também trabalha com as cores, as texturas e os diferentes sabores de alimentos.

Figura 9 - Criança se alimentando sozinha



Fonte: Elaborada pela autora (2020)

Com base na Figura 8, observa-se que João teve a iniciativa de se alimentar sozinho. No entanto, ele ainda mostra certa dificuldade e, quando sente fome ou sede, começa a chorar como forma de chamar a atenção de sua mãe para lhe dar comida e água.

De acordo com sua mãe, ele gosta de comer biscoito sozinho, mas primeiro quebra-os em pedaços pequenos, para depois comer. Contudo, as frutas estão entre os alimentos que João não gosta de comer. Quando a mãe as oferece ao João, ele experimenta e, depois, joga fora, demonstrando “nojo” em relação ao alimento.

Segundo Silva, Gaiato e Reveles (2012), o fato de a criança autista chorar quando quer algo é porque, muitas vezes, ela pode não perceber que precisa de algo, como comer nesse caso, e quando sente fome, seu reflexo é chorar. De acordo com os autores, as crianças autistas apresentam “[...] dificuldades de aprendizagem e, por isso, levam muito mais tempo para desenvolver qualquer habilidade e perceber os sinais do seu corpo” (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012, p. 103).

Desse modo, trabalhar com atividades que estimulem o desenvolvimento da aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento da habilidade sensório-motor, bem como estimula a independência da criança.

7) Atividade 7 – Brincando em cima da cama

A atividade “Brincadeira em cima da cama” tem como objetivo primordial estimular o sentido espacial da criança e o desenvolvimento de sua coordenação motora. Essa atividade também objetiva estimular a socialização da criança autista, visto que a brincadeira em cima da cama proporciona um ambiente tranquilo e divertido entre a família.

Trabalhar a socialização da criança é desenvolver os campos da experiência que compreende o eu, o outro e o nós, nos quais a criança começa a perceber que suas ações têm efeito sobre outras pessoas, “[...] percebe as possibilidades e os limites de seu corpo nas brincadeiras e interações das quais participa” (BRASIL, 2017, p. 45), por exemplo.

Além disso, essa atividade também estimula o desenvolvimento do corpo, dos gestos e dos movimentos, faz com que a criança execute movimentos coordenados, bem como compreenda o espaço em que se encontra e os espaços das pessoas que estão à sua volta. Isso também envolve o desenvolvimento do campo da experiência, espaços, tempo, quantidades, relações e transformações.

Figura 10 - Criança brincando em cima da cama



Fonte: Elaborada pela autora (2020)

Por meio de uma observação direta, pode-se afirmar que essa atividade foi a que mais proporcionou o desenvolvimento social do João, pois mostrou um resultado satisfatório, inclusive aos olhos da mãe do João. Durante a atividade, João se sentiu à vontade para brincar com seus pais e irmãos em cima da cama, com os brinquedos e, também, brincou de fazer cócegas.

Essa atividade também o estimulou em seu desenvolvimento afetivo, ele se sentiu à vontade para abraçar sua família, beijar e fazer cócegas também. Essa troca de afeto e carinho proporcionada pela atividade foi positiva para o João e contribuiu para seu desenvolvimento social.

Em suma, o desenvolvimento afetivo torna-se consequência das atividades que envolvem as interações sociais, uma vez que permite à criança criar laços afetivos com os pares e com os adultos. Assim “[...] contribuindo para que o reconhecimento do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam valorizadas e aproveitadas para o enriquecimento de si próprias” (BRASIL, 1998, p. 11).

8) Atividade 8 – Vamos brincar de cabaninha?

O objetivo desta atividade é desenvolver a criatividade e a imaginação da criança autista, visando estimular o senso de equipe e a improvisação diante de uma determinada situação. Consiste também na exploração do espaço, dos objetos e dos brinquedos e, também, na estimulação para que a criança conheça a si e aos objetos de sua preferência.

Nessa atividade, a criança tem a oportunidade de criar, de imaginar, de inventar e experimentar coisas que não faz no dia a dia. Com a ajuda da mãe, são contadas algumas histórias para a criança autista, ela mostra alguns objetos que fazem parte da história, e a estimulando a completar a história com os objetos e os brinquedos de dentro da cabaninha.

Figura 11 - Criança brincando na cabaninha



Fonte: Elaborada pela autora (2020)

Durante a realização da atividade, observou-se que enquanto a mãe do João montava a cabaninha, ele ficou atento aos detalhes e acompanhava a montagem, com um olhar intrigante. Ao entrar na cabaninha, demonstrou interesse na atividade, apreciando o espaço montado pela mãe. Ele levou para a cabaninha todos os

brinquedos preferidos e os colocou em sequência, como fez com os outros objetos nas atividades anteriores.

Quando sua mãe começou contando histórias, João demonstrou pouca atenção, não se manifestava e nem se expressava, seu foco era apenas os brinquedos que estavam na cabaninha. Enquanto ele brincava, sua mãe contava as histórias e cantava algumas músicas da preferência do João, mas ele permanecia com o foco nos brinquedos.

A atitude do João em não demonstrar interesse nas histórias contadas pela mãe pode ser caracterizada como uma atitude oriunda da disfunção na comunicação, sendo evidenciado por Silva, Gaiato e Reveles (2012) como uma dificuldade que a criança autista tem de realizar atividades de faz de conta. “As crianças não conseguem brincar de escolinha ou casinha, por exemplo, pois têm dificuldade de imaginar os papéis a serem representados” (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012, P. 43).

Assim, são um desafio para os pais e professores de crianças autistas as atividades que envolvem a imaginação e a criatividade. Entretanto, é fundamental trabalhar esses campos das experiências, como a escuta, a fala, o pensamento e a imaginação, visto que desde cedo a criança tende a manifestar uma curiosidade em relação à cultura escrita. Cabe aos pais e professores, então, promoverem experiências que estimulem a imaginação e a criatividade da criança autista. Nesse sentido, torna-se importante a promoção de:

[...] experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BRASIL, 2017, p. 42).

9) Atividade 9 – Apreciando um álbum de fotos

Esta atividade tem por finalidade proporcionar à criança autista o reconhecimento de sua própria imagem, visando auxiliá-lo no processo de construção da identidade. Ademais, a atividade também objetiva incentivar o

reconhecimento do seu nome e o nome de seus familiares, conforme for apreciando as fotos.

Figura 12 - Criança apreciando um álbum de fotos



Fonte: Elaborada pela autora (2020)

Durante a realização da atividade, observou-se que o João manuseava as fotos com tranquilidade e observava as imagens. Ao perguntar a ele sobre as pessoas que estavam na foto, ele não respondia, apenas apreciava o álbum de fotos e, em seguida, passava para outra foto.

João não apresentou nenhum interesse em apontar ou emitir algum som que tivesse a finalidade de indicar quem era as pessoas da foto, ele apreciava as fotos, mas não demonstrava interesse. Quando terminou de ver as fotos, procurou outro objeto de sua preferência para brincar.

O fato de João não responder à mãe sobre as pessoas da foto pode estar associado a dificuldades existentes no funcionamento cerebral de pessoas com autismo. Segundo Silva, Gaiato e Reveles (2012), pessoas com transtorno do espectro autista têm dificuldades em reconhecer as pessoas em fotografias, isso porque o giro fusiforme do autista, ou seja, a área de identificação da leitura de

faces, não permanece ativada como nas pessoas sem transtorno. Assim, pessoas com autismo não diferem uma fotografia com expressão facial triste de uma fotografia com expressão facial feliz. Assim, “[...] a pessoa com autismo não consegue ativar essa área cerebral tão importante para a percepção social e interpretação do que se passa com o outro” (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012, p. 88).

Entretanto, o reconhecimento de sua própria imagem para o desenvolvimento identidade da criança é importante para que ela conheça a si mesmo, as suas características, o seu corpo e sua imagem. Desse modo, a construção da identidade de uma criança autista pode ocorrer com base nas interações sociais, em que “[...] sua construção é gradativa e se dá por meio de interações sociais estabelecidas pela criança, nas quais ela, alternadamente, imita e se funde com o outro para diferenciar-se dele em seguida, muitas vezes utilizando-se da oposição” (BRASIL, 1998, p. 13).

10) Atividade 10 – Passeio no quintal

A atividade “Passeio no quintal” tem por objetivo estimular à capacidade de observação da criança autista, colaborando para a compreensão dos fenômenos naturais, como a luz solar, o vento, a chuva etc. Essa atividade também consiste em oportunizar a vivência da criança em outros ambientes, permitindo o contato com a natureza e a exploração de um ambiente novo.

Figura 13 - Criança brincando no quintal



Fonte: Elaborada pela autora (2020)

Figura 14 - Criança brincando no quintal e observando os objetos



Fonte: Elaborada pela autora (2020)

Durante a realização da atividade, João, ao sair de dentro de casa, começou a correr pelo quintal, como forma de explorar o ambiente a sua volta. Ele não demonstrou muito interesse em observar os objetos que estavam do lado de fora, apenas corria de um lado para o outro com brinquedos e ficava olhando para o chão e para o céu, observando os fenômenos naturais.

De acordo com a BNCC, desde cedo as crianças tendem a explorar o mundo, o ambiente, o espaço e os objetos em seu entorno, estabelecendo relações, e se expressando por meio de brincadeiras, que geram conhecimentos sobre si e sobre o meio. Entretanto, as crianças exploram o ambiente de jeitos diferentes. Por exemplo, João explorou seu quintal correndo e com objetos em sua mão. Para o RCNEI, “O fato de manipular objetos que tenham um uso cultural bem definido não significa que a manipulação se restrinja a esse uso, já que o caráter expressivo do movimento ainda predomina” (BRASIL, 1998, p. 22).

Ademais, ficou evidente nessa atividade que João explorou o ambiente, expressando isso na maneira de correr e manusear os objetos de sua preferência e apreciando sua liberdade em um novo espaço, um novo ambiente.

5 PRODUTO FINAL

Pensando em contribuir para o ensino e aprendizado de crianças com transtornos do espectro autista, esta pesquisa apresenta como produto final um guia didático, em formato de um e-book, cujo objetivo é auxiliar os alunos autistas e os professores com atividades pedagógicas que estimulem a aprendizagem de crianças autistas na Educação Infantil.

Esse guia didático é composto por atividades pedagógicas que foram aplicadas durante esta pesquisa e que apresentaram resultados satisfatórios para o desenvolvimento social da criança autista, além de corroborar para o desenvolvimento da linguagem, da comunicação, e dos aspectos cognitivos e motor.

As atividades pedagógicas propostas no guia didático foram adaptadas de uma apostila de atividades direcionadas a criança do berçário e maternal. Foi utilizada pela pesquisadora em seus planos de aula, visando desenvolver na criança autista os campos das experiências propostos na Base Nacional Comum Curricular, cujo objetivo é promover o desenvolvimento integral da criança.

Espera-se que o guia didático possa contribuir para o ensino e aprendizagem de crianças com transtornos do espectro autista, em específico o desenvolvimento social da criança. Desse modo, o guia é direcionado aos professores da Educação Infantil do Município de Presidente Kennedy, aos pais das crianças com transtornos do espectro autista, bem como aos demais profissionais da área educacional.

Importa destacar que o guia didático propõe auxiliar os professores e os pais de crianças promovendo atividades que viabilizam o desenvolvimento da criança. Entretanto, antes de aplicar as atividades do guia didático, é necessário compreender as especificidades da criança, suas necessidades, dificuldades, habilidades e forma de linguagem, de forma a estabelecer uma relação de confiança entre criança e professor/pais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as diversas concepções do autismo ao longo dos anos, ficou evidente que o autismo é um transtorno de neurodesenvolvimento caracterizado por deficiências no processo de desenvolvimento da criança, com ausência de interação e comunicação social. Também apresenta padrões estereotipados e comportamentos repetitivos e tende ao isolamento extremo, o que inibe a vontade da criança de se socializar com outras crianças da mesma idade e até com adultos.

Em um estudo realizado por Kanner (1943), com 11 crianças que apresentaram um isolamento extremo desde os primeiros meses de vida, ele observou que, apesar de o autismo apresentar formas diferentes em cada pessoa, a ausência de socialização resultante de um isolamento extremo foi um fator preponderante em todos os casos presenciados.

O estudo identificou que as crianças com autismo estabeleciam um relacionamento ótimo e inteligente com os objetos, pois esses não ameaçavam sua solidão. Contudo, o relacionamento com as pessoas era algo difícil de lidar, pois não tinham interesse em manter um contato emocional direto com as pessoas à sua volta.

Nesse sentido, o desenvolvimento das interações sociais da criança autista é um fator preponderante para os pais e, principalmente, para os educadores, que precisam trabalhar com atividades pedagógicas que estimulem e despertem o interesse dela em se relacionar com o próximo. Além disso, a Educação Infantil se torna uma etapa fundamental para auxiliar no desenvolvimento da criança autista. Isso porque o ensino na Educação Infantil inicia-se desde os primeiros meses, o que estimula a criança autista a ter um contato com o mundo exterior desde pequena e a se aproximar de outras pessoas, de modo a despertar seu interesse na socialização com outras crianças.

Estudos de casos realizados por pesquisadores anteriormente evidenciaram que a inclusão do brincar como prática pedagógica de ensino proporcionou mais interação social, além de despertar o interesse de permanecer por mais tempo em certas atividades. Outro estudo, dessa vez utilizando o método TEACH, também obteve resultado positivo no desenvolvimento social da criança autista, de classe regular.

Esse resultado é possível, pois, ao estabelecer uma conexão com a criança e entender as necessidades específicas de cada uma, o professor transmite uma confiança e permite que, no seu tempo, cada criança inicie seu processo de desenvolvimento, tanto social como cognitivo, motor, intelectual e linguagem.

Além disso, é notório o efeito positivo do que é ensinado e aprendido na Educação Infantil em relação à criança autista, sendo esta considerada por Vigotski (2018) uma etapa fundamental, pois impulsiona o desenvolvimento social e sua interação com outras pessoas e crianças da mesma idade. Também são primordiais para o desenvolvimento de funções psicológicas superiores da criança, como a linguagem, a atenção voluntária, o uso da imaginação e o desenvolvimento dos sentidos.

Desse modo, desenvolver um estudo de caso com uma criança autista contribuiu para confirmar a Educação Infantil como uma etapa fundamental para o desenvolvimento da criança autista em seus aspectos sensório-motor, bem como para o objetivo principal desta pesquisa, o desenvolvimento social da criança.

As atividades pedagógicas também contribuíram, sobremaneira, para o desenvolvimento do João, sujeito da pesquisa, estimulando sua interação social com os pais e os irmãos, por meio de demonstrações afetivas, como abraços, beijos e

brincadeiras em família. Além disso, sua inserção na Educação Infantil proporcionou sua socialização junto às outras crianças e a sua professora. Essa evolução da socialização foi motivada, principalmente, pela oportunidade propiciada à criança autista com a inserção na Educação Infantil.

Atividades pedagógicas como Caixa Musical, que utiliza a música para estimular o ensino e aprendizado da criança, são fundamentais no processo de desenvolvimento da criança autista, visto que a música propicia uma tranquilidade a ela, sendo a melodia observada minuciosamente pela criança, que a aprecia enquanto realiza sua atividade.

Além disso, atividades que estimulem a interação com os pares e com o meio também são fundamentais para o desenvolvimento social da criança autista, bem como o desenvolvimento da comunicação e da linguagem.

Diante do exposto, é imprescindível que a criança autista seja inserida na Educação Infantil e, assim, crie novas experiências, envolvendo os campos do eu, o outro e o nós; do corpo, dos gestos e movimentos; dos traços, sons, cores e formas; da escuta, fala, pensamento e imaginação; e dos espaços, tempos, quantidades, relações e transformações, que asseguraram à criança autista o direito de conviver com os pares, de brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se acima de tudo, corroborando por seu desenvolvimento social, da comunicação e da linguagem.

Qualquer escola pode matricular uma criança especial, mas nem todas têm condições para mantê-los neste espaço escolar ou não estão preparadas para desenvolver as habilidades destas crianças, por isso é necessário refletir que a inclusão perpassa a ideia de uma simples matrícula, sendo necessária à permanência desta criança especial no ambiente escolar e o seu desenvolvimento integral, propiciando a aprendizagem e a conquista de seu espaço e respeito não só no ambiente escolar como também na sociedade.

Contudo, é imprescindível que os professores estejam preparados para trabalhar com a criança autista, inserindo em sua rotina atividades que compreendem as suas características e criem, principalmente, uma relação de confiança entre professor e a criança.

Desta forma, existem vários caminhos a percorrer ainda sobre o tema inclusão, mas esta pesquisa se constitui em um deles, por ora. Espera-se que o

presente estudo seja fonte de inspiração para outros pesquisadores, dedicados e ávidos pelo tema da educação especial, ou por outros educadores, direcionados para a pesquisa, que terão a oportunidade e o privilégio de terem algum aluno com necessidades especiais.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução: Dora Flaksman. 2º ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BAPTISTA, Cláudio Roberto. BOSA, Cleonice. **Autismo e Educação: Reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.

BISSOLI, Michelle de Freitas. **O Desenvolvimento da Linguagem Oral da Criança: contribuições da Teoria Histórico-Cultural para prática pedagógica na creche**. Perspectiva, Florianópolis, 2014, v.32, n.3, p. 829-852. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/2175-795X.2014v32n3p829/29911>. Acesso em: 4 mar. 2020

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, MEC/SEB, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 4 mar. 2020

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. v. 1. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 20 ago. 2020.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. v. 2. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. v. 3. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

BOUTOT, E. Amanda; BRYANT, Diane Pedrotty. Social integration of studies with autism in inclusive settings. *Education and Training in Developmental Disabilities*, v. 40, n. 1, 2005, p. 14-23.

CHICON, José Francisco et al. Brincando e aprendendo: aspectos relacionais da criança com autismo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, n. 2, p. 169-175, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32892019000200169&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 17 maio 2020.

COUTINHO, Myriam. **Autismo Novas Pistas e Revelações**. Seu filho e você. 4º ed. nº 44. São Paulo: Editora K, 2005 p.60-63.

CRUZ, Carla et al. Criança autista: pais e professores – uma parceria de sucesso no desenvolvimento de competências. **Millenium**, n.39, p.89-107, 2010. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8234>. Acesso em: 15 maio 2020.

DIAS, Renan Italo Rodrigues. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades. **Revista EaD & Tecnologias Digitais na Educação**, v. 7, n. 9, p. 123-130, 2019. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/ead/article/view/10745>. Acesso em: 15 maio 2020.

FULLY, Viviane Moretto da Silva; VEIGA, Georgea Suppo Prado. Educação Infantil: da visão assistencialista à educacional. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.2, n.6, p. 86-94, 2012. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/viewFile/588/552>. Acesso em: 5 mar. 2020

HENRIQUE, Hosana Costa; SOUSA, Maria Caliman de. **Atividades Lúdicas e o Desenvolvimento da Linguagem Oral em Crianças de 4 anos de idade na Educação Infantil**. Brasília, 2014. Disponível em: http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/6fcf1c1b7e33a700fc64d06c718510f4.pdf. Acesso em: 5 mar. 2020

INEP. **Número de alunos com autismo em escolas comuns cresce 37% em um ano; aprendizagem ainda é desafio**. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/02/numero-de-alunos-com-autismo-em-escolas-comuns-cresce-37percent-em-um-ano-aprendizagem-ainda-e-desafio.ghtml>. Acesso em: 6 mar. 2020

KANNER, Leo. Autistic Disturbances of Affetive Contact. **Jornaul Nervous Child**. v. 2. p. 217-250, 1943. Disponível em: https://neurodiversity.com/library_kanner_1943.pdf. Acesso em: 21 mar. 2020

LIMA, Antonia Emanuela Oliveira de. **Educação infantil: as rotinas no desenvolvimento da autonomia**. Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <https://docplayer.com.br/15504461-Educacao-infantil-as-rotinas-no-desenvolvimento-da-autonomia.html>. Acesso em: 4 mar. 2020

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shirley. Inclusão de Crianças Autistas: um Estudo sobre Interações Sociais no Contexto Escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v. 20, n. 1, p. 117-130, Jan/Mar., 2014 117. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382014000100009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 9 fev. 2020

MARTINS, Ana Soledade Graeff; PREUSSLER Cíntia Medeiros; ZAVASCHI, Maria Lucrecia Scherer. A psiquiatria da infância e da adolescência e o autismo. In: BAPTISTA, Cláudio Roberto. BOSA, Cleonice. **Autismo e Educação: Reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002. Capítulo 3.

JESUS, Catia Aparecida de Oliveira Souza de. **Apostila 101 atividades para berçário e maternal**. 2020. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/47190171/apostila-101-atividades-para-bercar-io-e-maternal?q=atibidades%20ber%C3%A7ario%20maternal>. Acesso em: 18 maio 2020.

MELLO, Ana Maria S. R. de. **Autismo**. Guia Pratico, 2º ed., v. 3. São Paulo: Editora Ama, 2003.

OLIVEIRA, Débora Regina; MIGUEL, Ana Silvia Bergantini. A nova concepção da creche pós-LBD (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96). **Revista Fafibe On-line**. Ano V, n. 5, nov.2012. Disponível em: <http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/21/2112012211307.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2020

ONU. **Rejeitar pessoas com autismo é ‘um desperdício de potencial humano’, destacam representantes da ONU**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/rejeitar-pessoas-com-autismo-e-um-desperdicio-de-potencial-humano-destacam-representantes-da-onu/>. Acesso em: 11 fev. 2020

OPAS. **Folha informativa – Transtorno do espectro autista**. Disponível em <<https://www.paho.org/bra/index.php?Itemid=1098>> Acesso em 06 mar. 2020

PEREIRA, Angelina Gabrielle Moreira Ornelas. **Inclusão escolar e autismo na educação infantil**: a participação de alunos com autismo na construção de práticas pedagógicas em turmas de educação infantil. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7645131. Acesso em: 30 ago. 2020.

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz et al. Autismo Infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-14472016000300413&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 5 mar. 2020

PRESIDENTE KENNEDY. **Decreto nº 22, de 18 de março de 2020**. Prefeitura de Presidente Kennedy, 2020. Disponível em: <https://www.presidentekennedy.es.gov.br/uploads/documento/20200413104954-decreto-022-2020.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

PRESIDENTE KENNEDY. **Decreto nº 42, de 04 de maio de 2020**. Prefeitura de Presidente Kennedy, 2020. Disponível em: <https://www.presidentekennedy.es.gov.br/uploads/documento/20200505113946-decreto-042-2020.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

PRESTES, Zoia. **Quando não é quase a mesma coisa**: Traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2012. 272 p.

ROLIM, Amanda Alencar Machado; GUERRA, Siena Sales Freitas; TASSIGNY, Mônica Mota. Uma Leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no Desenvolvimento Infantil. **Revista Humanidades**. Fortaleza, 2008, v. 23, n. 2, p. 176-180. Disponível em: http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar%20_vygotsky.pdf. Acesso em: 6 mar. 2020

SCHEUER, Cláudia. Distúrbio da linguagem nos transtornos do desenvolvimento. In: BAPTISTA, Cláudio Roberto. BOSA, Cleonice. **Autismo e Educação: Reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002. Capítulo 4.

SILVA, Helena Maria Martins da. **Autismo, formação de conceitos e constituição da personalidade**: uma perspectiva histórico-cultural. São Paulo, 2019. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48138/tde-23052019-170744/publico/HELENA_MARIA_MARTINS_DA_SILVA_rev.pdf. Acesso: em 10 fev. 2020.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo Singular**: entenda o autismo. Editora Fontanar, 2012.

SILVA, Caroline Limonge; BOUFLEUR, Emme Mourad. Musicalização na educação infantil: uma reflexão sobre as contribuições da música no desenvolvimento da criança. **Revista Magsul de Educação da Fronteira**, Ponta Porã, v. 2, n. 1, p. 48-70, mar. 2017. ISSN 2526-4796. Disponível em: <http://bibmagsul.kinghost.net/revista2016/index.php/educfronteira/article/viewFile/281/257>. Acesso em: 6 mar. 2020

TEIXEIRA, Maira Cristina Souza; GANDA, Danielle Ribeiro. Inclusão e autismo: relato de caso sobre o trabalho com uma criança na educação infantil. **Revista Psicologia e Saúde em Debate**, v. 5, n. 2, p. 125-135, 2019. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/V5N2A9>. Acesso em: 10 maio 2020.

TENENTE, Luiza. **Número de alunos com autismo em escolas comuns cresce 37% em um ano**: aprendizagem ainda é desafio. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/02/numero-de-alunos-com-autismo-em-escolas-comuns-cresce-37percent-em-um-ano-aprendizagem-ainda-e-desafio.ghtml>> Acesso em: 29 mai. 2020.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**. Tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018. 128 p.

WAJSKOP, Gisela. **O Brincar na Educação Infantil**. Caderno de Pesquisa. São Paulo, 1995, n. 92, p. 62-69.

WILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. 4^o ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. Disponível em: <http://lelivros.love/book/download-estudo-de-caso-planejamento-e-metodos-robert-k-yin-em-epub-mobi-e-pdf/>. Acesso em: 5 maio 2020.

APÊNDICE A: PRODUTO FINAL



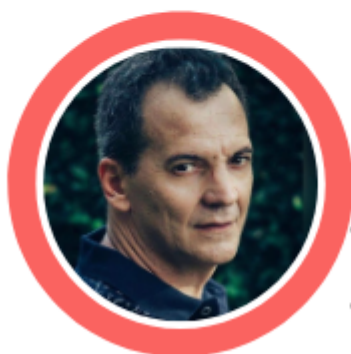
**Dalria Lima de Souza
Moreira**

Professora graduada em Letras, Literatura e Pedagogia. Especialista em Educação Infantil e Inclusiva. Mestranda em Ciência, Tecnologia e Educação pela Faculdade Vale do Cricaré.





Sobre os autores



Edmar Reis Thiengo

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes, Mestre em História da Matemática; Licenciado em Ciências e Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola – MG.

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – Ifes, onde atua como professor permanente do programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – Educimat, e como coordenador da Área da Matemática. É líder do Grupo de Pesquisa em Educação Matemática Inclusiva – Gpemi/Ifes desenvolvendo pesquisas em torno do ensino de Matemática na perspectiva inclusiva a estudantes de uma forma geral, e particularmente aos que apresentam necessidades educativas especiais tais como o surdo, o cego ou com baixa visão, os com síndromes cromossômicas, com transtorno global de desenvolvimento, com deficiência intelectual e altas habilidades/superdotação; líder do Grupo de Pesquisa em Educação, História e Diversidades – Gpehdi/Ifes, desenvolvendo pesquisas na área da Educação e Diversidades, particularmente gênero e sexualidade, políticas e práticas pedagógicas.





Esse guia didático é composto por atividades pedagógicas que foram aplicadas durante um estudo de caso com uma criança autista e que apresentaram resultados satisfatório para o desenvolvimento social da criança, além de corroborar para o desenvolvimento da linguagem, da comunicação, dos aspectos cognitivos e motor.

As atividades pedagógicas propostas neste guia didático foram adaptadas com base em uma apostila de atividades direcionadas a alunos do berçário e maternal, utilizada por esta pesquisadora em seus planos de aula, com o objetivo de desenvolver na criança autista os campos das experiências dispostos na Base Nacional Comum Curricular, cujo objetivo é promover o desenvolvimento integral da criança.

Espera-se que este guia didático possa contribuir para o ensino-aprendizagem de alunos com transtornos do espectro autista, em específico ao desenvolvimento social da criança. Para isso, este guia é direcionado aos professores da Educação Infantil do Município de Presidente Kennedy, aos pais de alunos com transtorno do espectro autista, bem como aos demais profissionais da área educacional.



Sumário



CAIXA MUSICAL **7**



BRINCANDO COM
ESPELHOS **8**



BRINCADEIRA DE PÔR
E TIRAR **9**



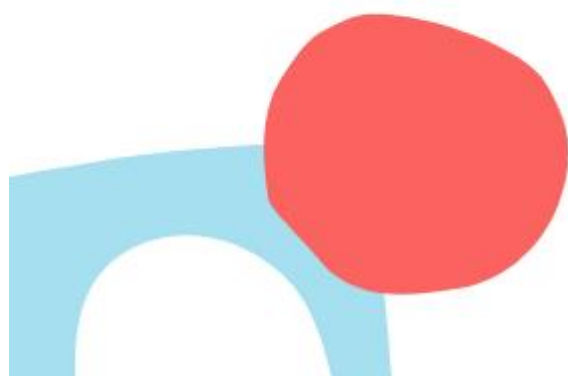
BRINCANDO NO
BANHO **10**



BANDINHA DIFERENTE **11**



COMER COMER **12**



Sumário



BRINCANDO EM CIMA
DA CAMA **13**



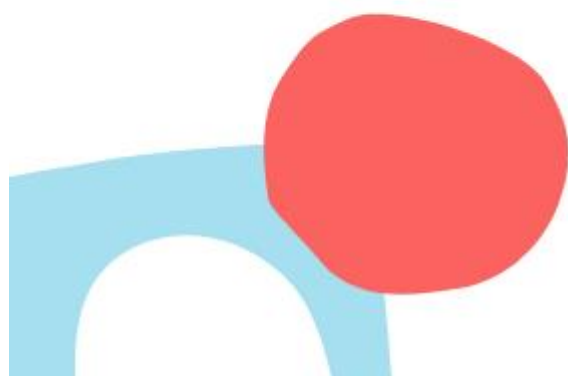
VAMOS BRINCAR DE
CABANINHA? **14**



APRECIANDO ÁLBUM
DE FOTOS **15**



PASSEIO NO QUINTAL **16**



ATIVIDADE 1 - CAIXA MUSICAL



OBJETIVO

Favorecer a ampliação do repertório oral e musical da criança, através das cantigas tradicionais.

CAMPOS DA EXPERIÊNCIA

Exploração da cultura;
Com a expressividade das linguagens artísticas;
Exploração da linguagem verbal.

DESENVOLVIMENTO

Use uma caixa com fichas musicais dentro. Sente-se com as crianças em um cantinho da sala, previamente preparado para este momento, com tapetes de borracha ou almofadas, para que elas se oriente melhor no espaço.

Faça suspense cada vez que for tirar uma ficha da caixa. Você pode fazer de conta que tem um bicho lá dentro, que quer morder sua mão, quando for tirar a figura e música do Jacaré ou poderá "miar" fazendo de conta que dentro daquela caixa mágica tem um gato, quando for cantar a música "Atirei o pau no gato", por exemplo. Tenha o cuidado de abrir e sempre fechar a caixa, para que os bichos não escapem! Elas adoram isso. Mostre a ficha para as crianças antes de cantar.

ATIVIDADE 2 - BRINCANDO COM ESPELHO



OBJETIVO

Reconhecer as pessoas com quem convivem e tomam consciência a respeito de si mesmo.

Explorar diferentes expressões corporais e faciais, somadas aos diferentes gestos.

CAMPOS DA EXPERIÊNCIA

A descoberta da própria imagem refletida no espelho é uma grande aprendizagem.

Possibilite ao seu filho, explorar sua imagem no espelho, produza gestos e solicite que o mesmo reproduza.

DESENVOLVIMENTO

Faça perguntas como:

Cadê o João? Cadê a Maria?

Cadê a mamãe do João? (Quem estiver com a criança no momento).

Cadê o nariz do João? (Cite outras partes do corpo).

Para melhor aproveitamento da atividade cantar a música "cabeça, ombro, joelho e pé".

Esta atividade irá auxiliar o reconhecimento, o fortalecimento do vínculo afetivo e o reconhecimento das partes do corpo.

ATIVIDADE 3 - BRINCANDO DE PÔR E TIRAR



OBJETIVO

Estimular a criatividade e o desenvolvimento linguístico social e emocional da criança.

CAMPOS DA EXPERIÊNCIA

Promover o contato com materiais diversificados auxiliam o desenvolvimento sensorial.

DESENVOLVIMENTO

Organize um espaço e disponibilize uma música infantil ao fundo da preferência da criança, depois com um cesto ou bacia coloque objetos variados dentro, é importante que sejam coloridos, de tamanho e formas variadas, e que não coloque em risco a segurança de seu filho, podem ser objetos de plástico, como copos, potes, talheres, tampas, etc.

Possibilite a exploração dos objetos, tirar e pôr os objetos de volta, e questione sobre o que tem dentro.

Essa proposta de atividade ajuda a promover a percepção visual, o tato e a desenvolver a linguagem.

ATIVIDADE 4 - BRINCANDO NO BANHO



OBJETIVO

Participar do cuidado do seu corpo e da promoção do seu bem estar.

Estimular a linguagem oral, cantando músicas que o criança aprecie.

CAMPOS DA EXPERIÊNCIA

Essa atividade além de tornar o banho mais agradável, também possibilita a exploração, o desenvolvimento sensório motor, o reconhecimento corporal e a linguagem.

DESENVOLVIMENTO

Algumas crianças podem ter alguma resistência ao banho, então que tal tornar esse momento mais agradável. Disponibilize brinquedos e cante com seu bebê nesse momento. Também é importante conversar com ele sobre os objetos, fazendo perguntas como: O que é isso? É grande ou pequeno?

O João da mamãe consegue segurar? (ou pai, ou quem estiver com o bebê no momento).

Cadê o pé?

Cadê a mão? Cadê a barriga? Etc.

ATIVIDADE 5 - BANDINHA DIFERENTE



OBJETIVO

Desenvolver o autodomínio e a auto realização, por permitir que a própria criança extraia sons dos objetos.

Propiciar a abertura de canais sensoriais, facilitando as expressões de emoções.

CAMPOS DA EXPERIÊNCIA

A atividade possibilita também que você cante com seu filho, estimulando o desenvolvimento da linguagem e das descobertas.

DESENVOLVIMENTO

A criança pode descobrir sons produzidos por diversos objetos, selecione do armário da cozinha, panelas, potes, tampas, colheres de plástico, madeira ou metal.

Organize um espaço dentro de casa ou no espaço externo, sente com a criança e motive-o a bater nos objetos com a colher.

Este momento deixá-lo feliz e proporcionará a compreensão do que esses objetos podem fazer, ao tempo que desfrutam do som produzido pelas batidas.

ATIVIDADE 6 - COMER, COMER



OBJETIVO

Desenvolver atitudes relacionadas a alimentação, a fim de estimular a criação de bons hábitos alimentares e também aprimorar sua autonomia.

Identificar cores, texturas e os diferentes sabores dos alimentos.

CAMPOS DA EXPERIÊNCIA

A atividade propicia o estímulo da autonomia da criança.

DESENVOLVIMENTO

Entenda que o ato de comer é permeado de experimentações, muitas delas brincantes. Com o tempo e pela imitação os protocolos sociais serão internalizados.

Brincar com utensílios e com a comida faz parte das descobertas dos pequenos. Respeite o paladar e a saciedade de seu filho, ofereça ajuda, mas respeite os limites da fome e da satisfação dele.

Incentive o bebê a experimentar novos sabores, cante para ele a música "comer, comer, para poder crescer", e sirva os alimentos de maneira separada, no prato, para que ele saiba o que está comendo. Motivar a permanecer sentado durante as refeições também é um aprendizado, assim como a autonomia adquirida nesse momento.

ATIVIDADE 7 - BRINCANDO EM CIMA DA CAMA



OBJETIVO

Estimular o sentido espacial, a coordenação motora e promover a socialização em família.

CAMPOS DA EXPERIÊNCIA

A atividade propicia o desenvolvimento da coordenação motora, das emoções e da socialização.

DESENVOLVIMENTO

Proporcione ao seu filho momentos em família de brincadeiras em cima da cama, estimule-o a pular, a dançar, a rolar, a esconder-se e procurar quem está escondido.

Coloque a criança em cima de sua barriga e faça com ele brincadeira de cavalinho, de serra-serra. Esse momento pode ser enriquecido com diálogo, música e carinho.

Essa proposta valoriza principalmente o enriquecimento do vínculo afetivo, além de fortalecer os músculos, desenvolver noção de espaço e a oralidade.

ATIVIDADE 8 - VAMOS BRINCAR DE CABANINHA?



OBJETIVO

Desenvolver a criatividade e a imaginação, estimulando o senso de equipe e a improvisação.

Explorar espaços, objetos e brinquedos em família.

CAMPOS DA EXPERIÊNCIA

A atividade consiste no explorar da criança, desenvolve a criatividade, o senso de improvisar.

DESENVOLVIMENTO

Cabaninha é uma brincadeira antiga, maravilhosa, completamente atemporal e, muito divertida! Tudo acontece no improvisado e, nela as crianças têm a chance de criar, imaginar, inventar e ainda experimentar coisas que normalmente não fazem no dia a dia.

A brincadeira não tem regras nem procedimentos especiais, o que vale é a imaginação. Junte cadeiras ou poltronas. Separe alguns lençóis, cangas ou cobertores e, em seguida, prenda as coberturas nas cadeiras, formando as cabanas. Vale também usar cabos de vassoura ou rodos para fixar melhor a estrutura e ainda pregadores de roupa para prender os lençóis. Se você tiver quintal ou jardim, pode montar as cabanas ao ar livre. Também é permitido inventar histórias cantadas para explorar a brincadeira com mais emoção e criatividade.

ATIVIDADE 9 - APRECIANDO ÁLBUM DE FOTOS



OBJETIVO

Reconhecer quando chamado pelo nome, e também reconhecer o nome das pessoas que fazem parte da família. Identificar sua própria imagem e auxiliar no processo de construção da identidade.

CAMPOS DA EXPERIÊNCIA

O eu, o outro e o nós - ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos.

DESENVOLVIMENTO

Apresente um ou mais álbum de fotos, descrevendo cenas, pessoas, lugares e objetos. Verifique se a criança se reconhece nas fotos, bem como seus familiares.

Possibilite que o bebê interaja com o material, manuseando-o com liberdade.

Estabeleça um momento de diálogo com o seu filho para que perceba a importância desse material para estabelecer relação com o tempo que passa.

ATIVIDADE 10 - PASSEIO NO QUINTAL



OBJETIVO

Observar, tentar relatar e descrever incidentes do cotidiano e fenômenos naturais (luz solar, vento, chuva etc.). Oportunizar a vivência em outros espaços, o contato com a natureza e a exploração de um ambiente diferente.

CAMPOS DA EXPERIÊNCIA

Promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações.

DESENVOLVIMENTO

Para incrementar ainda mais a inteligência de seu filho, mostre a ele o mundo e deixe-o livre para experimentar.

Solte-o no quintal, explore com ele as flores e suas cores, as plantas e suas diferenças, a terra, a areia, pequenos insetos e até animais como pássaros, etc., para ouvir diferentes sons.

Mostre o sol e os tons do entardecer para que ele expanda suas noções de cor. Por meio da experimentação o mundo é apresentado para seu filho, e quanto mais abrangentes forem essas situações, maior será o repertório dele no futuro.



APÊNDICE B: ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas com as seguintes pessoas: mãe da criança com autismo (1), professora (1).

Perguntas direcionadas à Mãe

1- Qual o seu conceito de autismo?

R:

2- Como seu filho (a) reage a mudanças de rotina e ambiente?

R:

3- Quais são as características do seu filho? Em sua opinião, quais comportamentos que ele(a) apresenta que difere do comportamento das outras crianças, ou que você compreende que seja motivado pelo transtorno do espectro autista?

R:

4- Qual foi a reação/comportamento do seu filho(a) nos primeiros dias na creche?

R:

5- Seu filho apresentou algum comportamento diferente depois que passou a ter contato com outras crianças?

R:

6- Como você vê o desenvolvimento do seu filho (a) na escola?

R:

7- Tem alguma atividade escolar que seu filho(a) tem preferência? Quais atividades ele(a) mais gosta de fazer na escola?

R:

8- Quais atividades você entende que contribuem para o desenvolvimento do seu filho(a) sendo autista?

R:

9- Com base nos comportamentos que seu filho(a) apresentava antes da escola, comparado aos comportamentos atuais, você observou alguma melhora?

R:

10- Você pode afirmar que a inserção na Educação Infantil contribuiu para o desenvolvimento do seu filho(a)?

Perguntas direcionadas ao professor

1- Qual o seu conceito de autismo?

R:

2- Como é a integração da criança autista na sala de atividades? Há algum tipo de trabalho (atividade) diferenciado para essa criança? Qual?

R:

3- Como a criança autista reage a determinadas situações (frustrações) ocorridas em sala de aula (brigas, obrigações)?

R

4- Qual o relacionamento da criança autista com as outras crianças?

R:

5- Qual o papel da auxiliar (acompanhante) para a criança autista?

R:

6- Você já realizou e/ou realiza alguma atividade com a criança com autismo e percebeu o interesse dele na atividade? Há alguma atividade específica que a criança goste?

R:

7- Como a criança reage a mudanças de rotina na escola?

R:

8- Você é professor dessa criança desde o primeiro dia em que ele ingressou na creche? Se sim, qual comportamento ele apresentava inicialmente:

R:

9- Você pôde perceber algumas mudanças de comportamento com o decorrer do tempo?

R:

10: Em sua opinião, a inserção dessa criança autista na Educação Infantil contribuiu para o seu desenvolvimento?

R:

11- Você pode citar algumas contribuições, em seu ponto de vista?

R:

APÊNDICE C: CAIXA DE MÚSICAS



Fonte: Jesus (2020)

OBJETIVOS:

- Favorecer a ampliação do repertório oral e musical da criança por meio das cantigas tradicionais.

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS:

- De exploração da cultura.
- Com a expressividade das linguagens artísticas.
- De exploração da linguagem verbal.

DESENVOLVIMENTO:

Embora as rodas ou momentos musicais sejam atividades permanentes da rotina do berçário e outras turmas da Educação Infantil, você pode tornar esse momento mágico! Basta usar a criatividade. Use uma caixa com fichas musicais dentro. Sente-se com as crianças em um cantinho da sala, previamente preparado para esse momento, com tapetes de borracha ou almofadas, para que elas se orientem melhor no espaço. Faça suspense cada vez que for tirar uma ficha da caixa. Você pode fazer de conta que tem um bicho lá dentro, que quer morder sua mão quando for tirar a figura e ouvir a música do Jacaré ou poderá “miar” fazendo de conta que dentro daquela caixa mágica tem um gato quando for cantar a música “Atirei o pau no gato”, por exemplo. Tenha o cuidado de abrir e sempre fechar a caixa, para que

os bichos não escapem! Elas adoram isso. Mostre a ficha para as crianças antes de cantar.

APÊNDICE D: BRINCANDO COM O ESPELHO



OBJETIVOS:

- Reconhecer as pessoas com quem convivem e tomar consciência a respeito de si mesmo.
- Explorar diferentes expressões corporais e faciais, somadas aos diferentes gestos.

CAMPO DA EXPERIÊNCIA:

- A descoberta da própria imagem refletida no espelho é uma grande aprendizagem. Possibilite ao seu filho explorar sua imagem no espelho, produza gestos e solicite que o ele reproduza.

DESENVOLVIMENTO:

Faça perguntas como:

- Cadê o João? Cadê a Maria?
- Cadê a mamãe do João? (Quem estiver com a criança no momento).
- Cadê o nariz do João? (Cite outras partes do corpo).
- Para melhor aproveitar a atividade, cantar a música “cabeça, ombro, joelho e pé”.

Essa atividade irá auxiliar o reconhecimento, o fortalecimento do vínculo afetivo e o reconhecimento das partes do corpo.

APÊNDICE E: BRINCADEIRA DE PÔR E TIRAR



OBJETIVOS

- Estimular a criatividade e o desenvolvimento linguístico, social e emocional da criança.

CAMPO DA EXPERIÊNCIA:

- Ter contato com materiais diversificados auxiliam o desenvolvimento sensorial.

DESENVOLVIMENTO:

Organize um espaço e disponibilize uma música infantil ao fundo, que o João goste. Depois, com um cesto ou uma bacia, coloque dentro objetos variados, é importante que sejam coloridos, de tamanho e formas variadas, e que não coloque em risco a segurança de seu filho, podem ser objetos de plástico, como copos, potes, talheres, tampas etc.

Possibilite a exploração dos objetos, tirar e pôr os objetos de volta, e questione sobre o que tem dentro.

Essa proposta de atividade ajuda a promover a percepção visual, o tato e a desenvolver a linguagem.

APÊNDICE F: BRINCANDO NO BANHO



OBJETIVOS

- Participar do cuidado do seu corpo e da promoção do seu bem-estar.
- Estimular a linguagem oral, cantando músicas que o João aprecie.

CAMPO DA EXPERIÊNCIA:

- Essa atividade, além de tornar o banho mais agradável, também possibilita a exploração, o desenvolvimento sensório motor, o reconhecimento corporal e desenvolver a linguagem.

DESENVOLVIMENTO:

Algumas crianças podem demonstrar alguma resistência ao banho, então, que tal tornar esse momento mais agradável. Disponibilize brinquedos e cante com seu bebê nesse momento. Também é importante conversar com ele sobre os objetos, fazendo perguntas como: O que é isso? É grande ou pequeno?

- O João da mamãe consegue segurar? (ou pai, ou quem estiver com o bebê no momento).
- Cadê o pé? Cadê a mão? Cadê a barriga? Etc.

APÊNDICE G: BANDINHA DIFERENTE



OBJETIVOS

- Desenvolver o autodomínio e a autorrealização, por permitir que a própria criança extraia sons dos objetos.
- Propiciar a abertura de canais sensoriais, facilitando as expressões de emoções.

CAMPO DA EXPERIÊNCIA:

- A atividade possibilita também que você cante com seu filho, estimulando o desenvolvimento da linguagem e das descobertas.

DESENVOLVIMENTO:

A criança pode descobrir sons produzidos por diversos objetos, assim, selecione do armário da cozinha panelas, potes, tampas, colheres de plástico, madeira ou metal. Organize um espaço dentro de casa ou no espaço externo, sente com a criança e motive-o a bater nos objetos com a colher. Esse momento vai deixá-lo feliz e proporcionará a compreensão do que esses objetos podem fazer, ao mesmo tempo em que desfrutam do som produzido pelas batidas.

APÊNDICE H: COMER, COMER



OBJETIVOS

- Desenvolver atitudes relacionadas à alimentação, a fim de estimular a criação de bons hábitos alimentares e, também, aumentar sua autonomia.
- Identificar cores, texturas e os diferentes sabores dos alimentos.

CAMPO DA EXPERIÊNCIA:

- Estimula a autonomia da criança.

DESENVOLVIMENTO:

É preciso compreender que o ato de comer é permeado de experimentações, muitas delas brincantes; com o tempo e pela imitação dos protocolos sociais serão internalizados. Brincar com utensílios e com a comida faz parte das descobertas dos pequenos. Respeite o paladar e a saciedade de seu filho, ofereça ajuda, mas respeite os limites da fome e da satisfação dele. Incentive o bebê/a criança a experimentar novos sabores, cante para ele a música “comer, comer, para poder crescer”, e sirva os alimentos de maneira separada, no prato, para que ele saiba o que está comendo. Motivá-lo a permanecer sentado durante as refeições também é um aprendizado, assim como a autonomia adquirida nesse momento.

APÊNDICE I: BRINCANDO EM CIMA DA CAMA



OBJETIVOS

- Estimular o sentido espacial, a coordenação motora e promover a socialização em família.

DESENVOLVIMENTO:

Proporcione ao seu filho momentos em família de brincadeiras em cima da cama, estimule-o a pular, a dançar, a rolar, a esconder-se e procurar quem está escondido. Coloque a criança em cima de sua barriga e faça com ela a brincadeira de cavalinho, de serra-serra. Esse momento pode ser enriquecido com diálogo, música e carinho.

Essa proposta valoriza, principalmente, o enriquecimento do vínculo afetivo, além de fortalecer os músculos, desenvolver noção de espaço e a oralidade.

APÊNDICE J: VAMOS BRINCAR DE CABANINHA?



OBJETIVOS

- Desenvolver a criatividade e a imaginação, estimulando o senso de equipe e a improvisação.
- Explorar espaços, objetos e brinquedos em família.

DESENVOLVIMENTO:

Cabaninha é uma brincadeira antiga, maravilhosa, completamente atemporal, e muito divertida! Tudo acontece no improviso e, nela, as crianças têm a chance de criar, imaginar, inventar e ainda experimentar coisas que, normalmente, não fazem no dia a dia. A brincadeira não tem regras nem procedimentos especiais, o que vale é a imaginação.

Junte cadeiras ou poltronas. Separe alguns lençóis, cangas ou cobertores e, em seguida, prenda as coberturas nas cadeiras, formando as cabanas. Vale também usar cabos de vassoura ou rodos para fixar melhor a estrutura e, ainda, pregadores de roupa para prender os lençóis. Se você tiver quintal ou jardim, pode montar as cabanas ao ar livre. Também é permitido inventar histórias cantadas para explorar a brincadeira com mais emoção e criatividade.

APÊNDICE K: APRECIANDO O ÁLBUM DE FOTOS



OBJETIVOS

- Reconhecer quando chamado pelo nome e também reconhecer o nome das pessoas que fazem parte da família.
- Identificar sua própria imagem e auxiliar no processo de construção da identidade.

DESENVOLVIMENTO:

Apresente um ou mais álbum de fotos, descrevendo cenas, pessoas, lugares e objetos. Verifique se o João se reconhece nas fotos, bem como seus familiares. Possibilite que o bebê interaja com o material, manuseando-o com liberdade. Estabeleça um momento de diálogo com seu filho para que ele perceba a importância desse material e para estabelecer relação com o tempo que passa.

APÊNDICE L: PASSEIO NO QUINTAL



OBJETIVOS

- Observar, tentar relatar e descrever fatos do cotidiano e fenômenos naturais (luz solar, vento, chuva etc.).
- Oportunizar a vivência em outros espaços, o contato com a natureza e a exploração de um ambiente diferente.
- Estimular as descobertas e, com elas, as aprendizagens oportunizadas por esse rico ambiente.

DESENVOLVIMENTO:

Para incrementar ainda mais a inteligência de seu filho, mostre a ele o mundo e deixe-o livre para experimentar. Solte-o no quintal, explore com ele as flores e suas cores, as plantas e suas diferenças, a terra, a areia, pequenos insetos e até animais como pássaros etc., para ouvir diferentes sons.

Mostre o sol e os tons do entardecer para que ele expanda suas noções de cor. Por meio da experimentação, o mundo é apresentado para seu filho, e quanto mais abrangentes forem essas situações, mais amplo será o repertório dele no futuro.

ANEXO A: PARECER DO COMITÊ DE ETICA EM PESQUISA



INSTITUTO VALE DO CRICARÉ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Pesquisador: DALRIA LIMA DE SOUZA MOREIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 34253920.0.0000.8207

Instituição Proponente: INSTITUTO VALE DO CRICARE LTDA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.133.014

Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa traz à tona discussões em torno de uma criança autista na educação infantil por entender que esta fase é da maior importância no desenvolvimento social da criança. A metodologia aplicada para desenvolvimento da pesquisa é a abordagem qualitativa, tendo como universo a educação infantil do Centro Municipal de Educação Infantil "Menino Jesus", localizado na cidade de Presidente Kennedy. Os procedimentos metodológicos aplicados para desenvolvimento da pesquisa é o estudo de caso único, que de acordo com Yin (2001, p.21) "contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos". Dentre as técnicas adotadas, a pesquisadora apresenta a observação direta, por permitir evidenciar uma ampla variedade de constatações, na qual a pesquisadora trabalhará durante um período com o aluno inserindo práticas pedagógicas que estimulem a interação do aluno em sala de aula, além de entrevistas com a mãe e professora do aluno com autismo.

Mediante ao exposto, as etapas do estudo de caso consiste primeiramente em agendar a pesquisa de campo, por meio do qual será realizada a coleta de dados. Nesta etapa será solicitado a instituição participante e a Secretaria de Educação a assinatura do Termo de Autorização de Instituição Coparticipante. A segunda etapa do estudo de caso será a seleção da criança que irá ser observada e que será desenvolvido as atividades que visem o seu desenvolvimento. Feito isto, iniciará as práticas de aplicação de atividades que desperta no aluno autista um interesse em

Endereço: Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217
 Bairro: UNIVERSITARIO CEP: 29.933-415
 UF: ES Município: SAO MATEUS
 Telefone: (27)3313-0000 E-mail: cep@vc.br



INSTITUTO VALE DO CRICARÉ



Continuação do Parecer: 4.133.014

interagir, de forma individual e coletiva, socializando com os demais alunos da turma. A última etapa desta pesquisa é a análise dos resultados obtidos, ressaltando as características da criança e as atividades que mais despertaram o seu interesse e interação social. Todas as fases da pesquisa serão documentadas através de fotografias, cuja finalidade é abordar os resultados de forma mais compreensível, trazendo o leitor para o ambiente da sala de aula.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo primário da Pesquisa:

. Analisar como a primeira fase da Educação Infantil pode contribuir para o desenvolvimento da criança autista.

Objetivo Secundário:

- . Identificar como a criança autista se comporta em relação à rotina estabelecida na educação infantil.
- . Verificar quais práticas pedagógicas colabora para o desenvolvimento da criança autista.
- . Identificar os desafios vivenciados por uma criança autista no ambiente escolar.
- . Propor um guia didático com atividades a serem desenvolvidas na educação infantil e que colabore com o desenvolvimento social da criança autista.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Os possíveis riscos da participação no estudo são de constrangimento durante uma entrevista ou uma observação. Sendo assim, para minimizar o constrangimento, a pesquisadora realizará a entrevista em um lugar que o participante sinta-se à vontade para realizar as perguntas.

Benefícios: Espera-se, com esta pesquisa, demonstrar a importância da educação infantil no desenvolvimento de uma criança autista e as contribuições das práticas pedagógicas que estimulem a interação do aluno em sala de aula. A partir dos resultados obtidos, propor um guia didático com atividades a serem desenvolvidas na educação infantil e que colabore com o desenvolvimento social da criança autista.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A estrutura textual do projeto apresenta-se de forma organizada e com uma fundamentação

Endereço: Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217
 Bairro: UNIVERSITARIO CEP: 29.933-415
 UF: ES Município: SAO MATEUS
 Telefone: (27)3313-0000 E-mail: cep@ivc.br



INSTITUTO VALE DO CRICARÉ



Continuação do Parecer: 4.133.014

teórica pertinente e atual, sinalizando assim, por meio dos objetivos e do percurso metodológico, a relevância da pesquisa para a discussões sobre o desenvolvimento do aluno com autismo na Educação Infantil.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados o TAIC para assinatura da SEME, o TCLE – Responsável Legal, o TA – Menores e TCLE dos participantes, que constam no anexo.

Recomendações:

Recomenda-se a retirada do nome da escola e/ou criar um nome fictício para manter o sigilo e preservação íntegra da instituição e seu público.

Uso de linguagem apropriada ao explicar o termo de assentimento para o público infantil.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências, portanto, apto.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado seguiu o parecer do relator, aprovando, assim, o projeto.

Que a pesquisadora acate as recomendações do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1533080.pdf	24/06/2020 17:39:53		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	texto_teste_menor.doc	24/06/2020 17:39:23	DALRIA LIMA DE SOUZA MOREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_texto.docx	24/06/2020 17:38:13	DALRIA LIMA DE SOUZA MOREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_teste_.docx	24/06/2020 17:36:52	DALRIA LIMA DE SOUZA MOREIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	texto_teste.jpg	23/06/2020 19:47:02	DALRIA LIMA DE SOUZA MOREIRA	Aceito

Endereço: Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217
 Bairro: UNIVERSITARIO CEP: 29.933-415
 UF: ES Município: SAO MATEUS
 Telefone: (27)3313-0000 E-mail: cep@lvc.br



Continuação do Parecer: 4.133.014

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	texto_teste.docx	23/06/2020 19:40:58	DALRIA LIMA DE SOUZA MOREIRA	Aceito
Folha de Rosto	texto_teste.pdf	23/06/2020 19:38:15	DALRIA LIMA DE SOUZA MOREIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO MATEUS, 03 de Julho de 2020

Assinado por:
NILTON RIBEIRO DE OLIVEIRA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217
Bairro: UNIVERSITARIO CEP: 29.933-415
UF: ES Município: SAO MATEUS
Telefone: (27)3313-0000 E-mail: cep@ivc.br

ANEXO B: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

APÊNDICE A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu, Rosângela de Fátima Almeida Lunz Costalonga, ocupante do cargo de diretora no **Centro Municipal de Educação Infantil "Menino Jesus"**, autorizo a realização nesta instituição da pesquisa A EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL DA CRIANÇA AUTISTA sob a responsabilidade da pesquisadora Dalria Lima de Souza Moreira, tendo como objetivo analisar como a primeira fase da Educação Infantil pode contribuir para o desenvolvimento da criança autista.

Afirmo que fui devidamente orientado sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e que as informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas pelo tempo que determinar a legislação e não serão utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato dos sujeitos e sigilo das informações.

Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo da infraestrutura necessária para tal.

Presidente Kennedy, 09 de setembro de 2020.

Rosângela de Fátima Almeida Lunz
CMEI MENINO JESUS
 nº de inscrição nº 348/00
 ATO DE ATRIBUIÇÃO DE CARGO Nº 12/2015

Assinatura do responsável e carimbo e ou CNPJ da Instituição coparticipante
Tel.: 28 - 3535 - 1110

ANEXO C: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA COPARTICIPANTE**APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA COPARTICIPANTE**

Eu, Fátima Agrizzi Ceccon, ocupante do cargo de Secretária de Educação da Prefeitura Municipal de Presidente Kennedy, autorizo a realização da pesquisa A EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL DA CRIANÇA AUTISTA no **Centro Municipal de Educação Infantil "Menino Jesus"**, sob a responsabilidade da pesquisadora Dalria Lima de Souza Moreira, tendo como objetivo analisar como a primeira fase da Educação Infantil pode contribuir para o desenvolvimento da criança autista.

Afirmo que fui devidamente orientado sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e que as informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas pelo tempo que determinar a legislação e não serão utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato dos sujeitos e sigilo das informações.

Esta Secretaria está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo da infraestrutura necessária para tal.

Presidente Kennedy, 09 de Setembro de 2020.

Fatima

Assinatura do responsável e carimbo e ou CNPJ da instituição coparticipante

Fátima Agrizzi Ceccon
Secretária Municipal de Educação
Decreto n.º 129/2019

ANEXO D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – RESPONSÁVEL LEGAL

O menor de idade pelo qual o(a) senhor(a) é responsável está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado(a) A EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL DA CRIANÇA AUTISTA, conduzida por Dalria Lima de Souza Moreira. Este estudo tem por objetivo principal analisar como a primeira fase da Educação Infantil pode contribuir para o desenvolvimento da criança autista, bem como identificar como a criança autista se comporta em relação à rotina estabelecida na educação infantil, verificar quais práticas pedagógicas colabora para o desenvolvimento da criança autista, e identificar os desafios vivenciados por uma criança autista no ambiente escolar na percepção dos professores.

A participação do menor de idade pelo qual o(a) senhor(a) é responsável nesta pesquisa consistirá em um estudo de caso com a aplicação de atividades pedagógicas diferenciadas capazes de despertar na criança um interesse em interagir e desenvolver a habilidade social, cognitiva, motor e afetiva. Essas atividades serão encaminhadas ao responsável para que seja aplicada durante dois meses, e o mesmo será gravada para acompanhamento desta pesquisadora. Também será realizada uma entrevista com os senhores responsáveis pela criança, a fim de compreender as características do menor, para posterior análise do desenvolvimento e habilidades adquiridas pela criança no período da intervenção. Será realizada uma entrevista com os professores do menor de idade, a fim de compreender o desenvolvimento da criança na sala de atividades, verificando a percepção da professora sobre a interação do aluno com as outras crianças, bem como seu interesse nas atividades aplicadas em sala de aula.

O menor de idade pelo qual o(a) senhor(a) é responsável foi selecionado para participar da presente pesquisa tendo em vista que é uma criança com necessidades especiais, sendo o objeto principal deste estudo, analisar como a inclusão na educação infantil contribuirá para o desenvolvimento social da criança. A participação do menor não é obrigatória. A qualquer momento, ele poderá desistir de participar e você poderá retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Em consonância com a Resolução 466/2012, quanto aos riscos e benefícios que esta pesquisa trará, destaca-se como risco o constrangimento dos entrevistados ao participar da entrevista, em que pode apresentar algum desconforto em responder as perguntas.

Convém destacar que, **em caso de algum desconforto, ou mal estar, os responsáveis pelo estudo encaminharão o participante para o serviço de atendimento médico mais próximo do local de realização da pesquisa.**

Em relação ao risco que apresenta ao menor de idade, esta pesquisadora não identifica nenhum risco ao menor, e sim benefícios quanto ao desenvolvimento social, cognitivo, motor e afetivo da criança. O objetivo desta pesquisa é contribuir para o desenvolvimento da criança por meio de práticas pedagógicas que contribuam para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem da criança.

Importa destacar que: a) a participação na pesquisa não será remunerada nem implicará em gastos para os participantes; b) haverá ressarcimento para eventuais despesas de participação, tais como: transporte e alimentação etc.; c) indenização: cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa ao

participante da pesquisa. Descrever sobre o direito a indenização é obrigatório, porque haverá indenização sempre que a pesquisa ocasionar algum tipo de dano ao participante.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. Para ressaltar a segurança dos dados da criança, será utilizado um nome fictício para descrever as características da criança, bem como os dados produzidos no desenvolvimento da pesquisa.

O(s) pesquisador(es) responsável(is) se compromete(m) a tornar público os meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde que o menor de idade pelo qual o(a) senhor(a) é responsável participe desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa.

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da participação direta (ou indireta) do menor de idade pelo qual sou responsável na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, autorizar a participação do menor de idade pelo qual sou responsável a participar deste estudo. Estou consciente que ele pode deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

CONSENTIMENTO

Eu, _____,
 inscrito no RG _____, residente e domiciliado
 _____, telefone _____,
 responsável no papel de _____ da criança, declaro que entendi
 os objetivos, riscos e benefícios da participação do menor de idade pelo qual sou
 responsável, _____ (nome da criança),
 sendo que:

() aceito que ele(a) participe () não aceito que ele(a) participe

Local, de de 20__

 Assinatura

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador: _____

(ou seu representante)

Data: ___/___/___

Nome completo: _____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com _____, via e-mail: _____ ou telefone: _____.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - FVC
SÃO MATEUS (ES) - CEP: 29933-415
FONE: (27) 3313-0028 / E-MAIL: CEP@IVC.BR

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: DALRIA LIMA DE SOUZA MOREIRA
ENDEREÇO: SAFRA
ITAPEMIRIM (ES) - CEP: 29330-000
FONE: (28) 99956-2981 / E-MAIL: MYDALRIALIMA@HOTMAIL.COM

FACULDADE VALE DO CRICARÉ
SÃO MATEUS (ES) - CEP: 29934-170
FONE: (27) 3313-0000